



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário

Escola Secundária da Lousã

Relatório Final de Estágio

Débora Antunes Cotrim da Silva

N.º 2005005032

Junho, 2010



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário

Escola Secundária da Lousã

Relatório Final de Estágio

Relatório para obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, sob a orientação de Professor Alain Guy Marie Massart e co-orientação de Professor João Moreira

Débora Antunes Cotrim da Silva

N.º 2005005032

Coordenador: Prof. Doutor Rui Adelino Machado Gomes

Junho, 2010

RESUMO

O presente trabalho visava a elaboração do Relatório Final de Estágio Pedagógico, sendo realizado como parte integrante e conclusivo do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

O Estágio Pedagógico foi consumado na Escola Secundária da Lousã durante o ano lectivo de 2009/2010, tendo como objectivo favorecer a integração e consolidação em contexto prático dos conhecimentos teóricos adquiridos no decorrer dos 1º e 2º semestres do Curso de Mestrado, através de uma prática docente supervisionada e orientada em situação real, com vista à profissionalização de docentes de Educação Física competentes e capazes da sua profissão.

O presente relatório está estruturado em dois grandes capítulos, ao longo dos quais se apresenta as actividades desenvolvidas na prossecução do Estágio Pedagógico, com o objectivo primordial de descrever e reflectir sobre as essas actividades pretendendo-se realizar uma introspecção de todo o trabalho desenvolvido e conhecimentos dele derivado ao descrever e analisar criticamente as duas dimensões inseridas no mesmo, Actividades de Ensino – Aprendizagem e Atitude Ético – Profissional, considerando-se as principais competências profissionais a desenvolver enquanto professores estagiários: Planeamento, Realização e Avaliação. As aprendizagens realizadas, dificuldades sentidas, impacto do estágio na realidade escolar e análise e perspectiva de formação inicial e contínua também foram abordados de uma forma crítica e reflexiva.

Nas instituições escolares actuais, o perfil do professor aponta para alguém competente e capaz, que reflecte sobre a sua prática e que actua sobre ela, reajustando o ensino às necessidades dos alunos. Assim, o Estágio Pedagógico está orientado nesse sentido, mostrando-se uma óptima oportunidade de aprendizagem e favorecendo a aquisição e desenvolvimento de competências profissionais e pessoais, de atitudes proactivas na identificação e resolução de problemas pedagógicos, tão necessárias ao desempenhar da profissão.

Palavras – Chave: Estágio Pedagógico; competências profissionais.

ABSTRACT

This work consists on the elaboration of the Teaching Training Final Report, developed as part and conclusion of Master's Degree in Physical Education Teaching to Primary and Secondary School at the Faculty of Sports Sciences and Physical Education of the University of Coimbra.

The Teaching Training took place at the Secondary School of Lousã in the 2009-2010 school year, having as main goal to promote the integration and strengthening, in a practice context, of the theoretical knowledge acquired during the 1st and 2nd semesters of the Master's Degree, through a supervised and guided teaching practice in live situations, aiming at the professionalization of competent and capable Physical Education teachers.

This report is structured in two major chapters, which describe the activities carried out during the Teaching Training, describing and reflecting on these activities in order to make an assessment of all the developed work and consequent knowledge, by describing and critically analyzing its two dimensions, Teaching Activities - Learning and Ethical-Professional Attitude. The main professional competences to develop as trainee teachers are: Planning, Execution and Evaluation. The acquired knowledge, the difficulties encountered, the impact of the training in the school context and the analysis and perspective of initial and continuous education were also approached in a critical and reflective way.

Within current school institutions, the teachers' profile points to competent and capable people who reflect on their practice and act accordingly, adjusting their intervention to students' needs. Thus, Teaching Training is designed in that sense, proving to be an important learning opportunity, favouring the acquisition and development of professional and personal skills, of proactive attitudes in the identification and resolution of educational issues, so necessary to professional performance.

Key-words: Teaching Training; professional skills.

ÍNDICE

ÍNDICE DE FIGURAS	iii
CHAVE DE ABREVIATURAS	iv
1. INTRODUÇÃO	1
2. DESCRIÇÃO	3
2.1. Expectativas e opções iniciais em relação ao estágio (Plano Individual de Formação - PIF).....	3
2.2. Descrição das actividades desenvolvidas	5
2.2.1. Planeamento	5
2.2.2. Realização	13
2.2.3. Avaliação.....	21
2.2.4. Atitude ético – profissional	27
2.3. Justificação das opções tomadas	29
2.4. Conhecimentos adquiridos.....	33
2.5. Avaliação de processos e produtos	36
3. REFLEXÃO	39
3.1. Aprendizagens realizadas	39
3.2. Compromisso com as aprendizagens dos alunos.....	42
3.3. Importância do trabalho individual e de grupo.....	43
3.4. Capacidade de iniciativa e responsabilidade	44
3.5. Dificuldades sentidas e formas de resolução	46
3.6. Dificuldades a resolver no futuro	48
3.7. Inovação nas práticas pedagógicas	49
3.8. Impacto do estágio na realidade do contexto escolar	50
3.9. Questões dilemáticas	52
3.10. Conclusões referentes à formação inicial	55
3.11. Necessidades de formação contínua	57
3.12. Experiência pessoal e profissional do ano de estágio.....	58
4. BIBLIOGRAFIA.....	61

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Estrutura do Plano de Aula 12

CHAVE DE ABREVIATURAS

PIF – Plano Individual de Formação

NE – Não executa

ED – Executa com dificuldades

E – Executa

1. INTRODUÇÃO

O presente documento constitui o Relatório Final de Estágio, surgindo como parte integrante e conclusiva da unidade curricular de Estágio Pedagógico, inserida nos 3º e 4º semestres do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Este estágio foi realizado na Escola Secundária da Lousã durante o ano lectivo de 2009/2010, tendo por principal objectivo favorecer a integração dos conhecimentos teóricos adquiridos no decorrer dos 1º e 2º semestres do Curso de Mestrado, através de uma prática docente em situação real e orientada de forma a profissionalizar docentes de Educação Física capazes, competentes e adequadamente preparados para a sua profissão (in Guia das Unidades Curriculares dos 3º e 4º semestres 2009-2010).

A escolha da Escola Secundária da Lousã para realização do estágio deveu-se a vários factores, sendo um deles o bom ambiente vivido na escola entre todos os seus intervenientes, promovendo-se assim boas condições para a aprendizagem, não só dos alunos mas também da professora estagiária.

O presente relatório está estruturado em dois grandes capítulos, ao longo dos quais se apresentam as actividades desenvolvidas na prossecução do Estágio Pedagógico, nas suas duas dimensões, Actividades de Ensino – Aprendizagem e Atitude Ético – Profissional, e considerando as principais competências profissionais a desenvolver enquanto professores estagiários: Planeamento, Realização e Avaliação. Assim, o objectivo primordial passa por descrever e reflectir sobre as actividades desenvolvidas pela professora estagiária, pretendendo-se realizar uma introspecção de todo o trabalho desenvolvido e conhecimentos dele derivado ao descrever e analisar as expectativas iniciais em relação ao estágio pedagógico, as variadas tarefas realizadas individualmente e/ou pelo grupo enquanto Núcleo e as dificuldades sentidas. Também se analisará a importância de todo este trabalho na formação da professora estagiária em todos os seus aspectos, o impacto do estágio no contexto escolar e as experiências pessoais e profissionais que dele emanaram.

O Estágio Pedagógico assumiu um papel de relevo na formação pedagógica da professora estagiária e na sua preparação para o desempenhar de futuras funções como profissional docente na área da Educação Física, possibilitando tornar as suas futuras

prestações mais eficazes e eficientes. É assim, fundamental realizar todo um balanço e análise das expectativas iniciais e das experiências realmente vividas, bem como das aprendizagens e dificuldades que derivaram do estágio, sendo essas o ponto primário de evolução do professor estagiário quando em comparação à sua formação inicial.

2. DESCRIÇÃO

2.1. Expectativas e opções iniciais em relação ao estágio (Plano Individual de Formação - PIF)

No início deste longo percurso e como seria de esperar existiam muitas expectativas e receios em relação ao estágio por parte da professora estagiária. No entanto, perspectivava-se que esse ano de estágio, apesar de ser um ano de trabalho árduo, seria um contributo bastante importante no desenvolvimento de competências pessoais e profissionais para o desempenhar de uma futura função como professora de Educação Física.

Tal como esperado, o Estágio Pedagógico mostrou-se uma óptima oportunidade de aprendizagem favorecendo a aquisição e desenvolvimento de espírito de trabalho, não só como professora individualmente mas também de trabalho de grupo e cooperativo entre professores estagiários, de atitudes proactivas na identificação e resolução de qualquer problema pedagógico, de capacidade de leccionação e de aplicação e integração dos conhecimentos teóricos adquiridos durante o primeiro ano do Curso de Mestrado.

Este último ponto levantava uma grande questão pois, uma vez que a formação inicial da professora estagiária era na área das Ciências do Desporto, considerava-se que apenas o conhecimento teórico adquirido no ano transacto não chegava só por si para desempenhar este papel, pelo que era esperado que com o Estágio Pedagógico conseguisse-se preencher a lacuna na formação na área específica da Educação Física. Assim, desde cedo esta oportunidade de formação foi considerada um enorme desafio pessoal, esperando-se um ano de muito “trabalho de casa” e onde todas as oportunidades de aprendizagem deveriam ser supra aproveitadas.

Relativamente ao Núcleo de Estágio de Educação Física da Escola Secundária da Lousã, considera-se que superou as expectativas iniciais, tendo-se promovido no seu seio um bom ambiente de trabalho através da preferência pelo trabalho de grupo e cooperativo bem como da troca de experiências e conhecimentos, partilhando-se dificuldades e soluções para as mesmas. Para tal, considera-se também muito importante o papel dos professores orientadores, que incentivavam estas mesmas práticas.

Outro ponto interessante que despontava curiosidade e alguma expectativa dizia respeito à integração no meio escolar e no relacionamento com os alunos, o qual esperava-se bom desde início.

Um aspecto apreensivo centrava-se nas características da turma, tendo em conta o número elevado de alunos que uma turma hoje em dia pode ter. Este factor é agudizado pelos comportamentos disruptivos dos alunos, que não respeitam nada nem ninguém. No entanto, a turma atribuída à professora estagiária era constituída apenas por vinte e dois alunos, o que não sendo o ideal já era muito bom, e o seu comportamento era satisfatório e respeitador, com dias melhores e piores como é normal em crianças e jovens daquelas faixas etárias. O número de alunos facilitou em grande parte a organização das aulas de modo a que não houvessem grandes filas de espera e tempos mortos, sendo esta outra preocupação, podendo-se maximizar o tempo de prática dos alunos.

Outro aspecto, deveras apreensivo, dizia respeito às diversas matérias, pois, como é normal, existem matérias de maior domínio do que outras, como era a Ginástica comparativamente a alguns desportos colectivos. Com o decorrer do estágio, a professora estagiária foi adquirindo mais conhecimentos e confiança para a sua leccionação, derivados não só da bibliografia da área mas também da troca de conhecimento e experiências entre estagiários e professores orientadores, os quais se mostraram sempre disponíveis e foram elementos chave para o atingir dos objectivos propostos.

Relativamente à actuação da professora estagiária esperava-se que estivesse à altura deste desafio, correspondendo às suas expectativas iniciais, trabalhando para ser uma professora competente e responsável, capaz de transmitir aos seus alunos, de forma coesa e segura, todos os conhecimentos e conteúdos importantes para a sua formação escolar e inculcar a noção da importância da prática desportiva.

Assim, pretendia-se no final do estágio desenvolver e adquirir mais profundamente conhecimentos académicos e pedagógicos, mas também competências pessoais e sociais tão importante ao desempenho desta função de se “ser professor”, isto é, “crescer” enquanto pessoa e profissional docente.

2.2. Descrição das actividades desenvolvidas

A unidade curricular de Estágio Pedagógico dividiu-se em duas grandes dimensões: Actividades de Ensino – Aprendizagem e Atitude Ético – Profissional. Na primeira dimensão consideram-se ainda três grandes competências profissionais da prática docente a desenvolver enquanto professora estagiária: Planeamento, Realização e Avaliação.

Posto isto era fundamental, que a professora estagiária adquirisse e desenvolvesse as mesmas de forma a ser capaz de realizar uma adequada condução do processo de ensino – aprendizagem, desde o seu planeamento cuidado e adequado à sua avaliação.

Assim, as actividades desenvolvidas pela professora estagiária, individualmente e em grupo, serão analisadas segundo as quatro competências profissionais inseridas nas duas dimensões em cima referidas:

- Planeamento;
- Realização;
- Avaliação;
- Atitude ético – profissional.

2.2.1. Planeamento

O planeamento compõe a competência profissional a desenvolver mais trabalhosa e exigente, sendo assim fundamental a sua realização uma vez que o processo de ensino - aprendizagem não assenta em acções pedagógicas planeadas individual e isoladamente, de aula para aula, ou improvisadas no próprio momento de aula. Segundo Padilha (2001) citado por Bossle (2002: pp. 37), “o acto de planear é intrínseco à educação”. É indispensável que o professor conceba e planeie as suas aulas como um todo harmonioso e coerente, de forma a alcançar um resultado satisfatório global do ensino (Bento, 1998), com tarefas e actividades adequadas e adaptadas aos seus alunos e às suas dificuldades.

Bossle (2002: pp. 33) define planeamento como “o processo de reflexão, racionalização, organização e coordenação da acção docente, que visa articular a actividade escolar e a problemática do contexto social”.

Pereira (2000: pp. 14) citando Clark e Peterson (1986) entende planificação “como o conjunto de processos psicológicos básicos, através dos quais o professor

visualiza o futuro, faz um inventário dos fins e meios, e constrói um marco de referência que guie as suas acções”.

Assim, um bom planeamento deve constituir um todo harmonioso e coerente, cujos conteúdos sigam uma sequência lógica e exequível. Importa notar, que não menos importante é a sua flexibilidade pois a sua estruturação deve permitir uma adaptação constante dos conteúdos a leccionar e dos objectivos inicialmente propostos ao nível de desenvolvimento dos alunos no decorrer do ano lectivo.

Neste sentido e segundo Bento (1998), pode-se afirmar que, no ensino, deve-se delinear e concretizar um plano global mas integral da intervenção educativa, adequado ao contexto escolar em que se insere, para um período vasto de tempo – Plano Anual, a partir do qual se devem decidir e determinar os momentos mais importantes ao longo do ano lectivo, como por exemplo os momentos de avaliação, e os principais objectivos de formação e educação da personalidade dos alunos, tendo em conta que o desenvolvimento da personalidade engloba habilidades, capacidades, conhecimentos e atitudes dos alunos.

O professor deve planear as indicações contidas nos programas da disciplina, definição de conteúdos, métodos e objectivos, considerando as características pessoais, sociais, materiais e locais, de forma a conduzir o processo de desenvolvimento dos diferentes domínios da personalidade dos alunos (Bento, 1998).

Segundo Pereira (2000: pp. 18) citando Arends (1995), “a planificação pode dar um sentido de direcção tanto aos professores como aos alunos, ajudando estes últimos a tornarem-se mais conscientes das metas implícitas nas tarefas de aprendizagem que têm que cumprir”.

Uma vez que no planeamento deve-se estabelecer os principais objectivos da formação e educação da personalidade, delineando-se as estratégias de desenvolvimento do processo pedagógico, é necessário que haja uma relação entre as pretensões e a sua realização prática, isto é, deve-se estabelecer uma profunda relação entre o Plano Anual e as unidades didácticas, e os Planos de Aula, que são “nada mais do que um *detalhamento* do plano de ensino para a prática da sala de aula” (Bossle, 2002: pp. 33).

2.2.1.1. Plano Anual

A elaboração do Plano Anual constitui a primeira fase do planeamento e preparação do ensino. Este traduz uma percepção e domínio aprofundado dos objectivos de desenvolvimento da personalidade (habilidades, capacidades, conhecimentos, atitudes), bem como reflexões e noções sobre a respectiva estruturação do ensino no decurso do ano lectivo (Bento, 1998).

Assim, o Plano Anual deve ser um documento possível e realista, didacticamente exacto e preciso, de modo a que oriente para o fundamental do processo de ensino – aprendizagem (Bento, 1998). O seu fundamento assenta não só nas indicações programáticas para a disciplina de Educação Física mas também na análise do contexto escolar em que se insere a turma e das características próprias da mesma, tornando o ensino o mais individualizado possível e respeitador dos diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos.

Para a elaboração do Plano Anual da turma B do 8º ano de escolaridade da Escola Secundária da Lousã para o ano lectivo 2009/2010, teve-se em consideração não só as indicações programáticas para a disciplina de Educação Física do ano de ensino, mas também as características da escola (contexto social do meio e recursos – espaciais, temporais, materiais e humanos) e as decisões conceptuais e metodológicas tomadas pelo grupo de Educação Física no início do ano. Destas decisões destacam-se a escolha e ordem das matérias a abordar, para que pudesse ser elaborado o mapa de rotação de espaços para cada professor consoante as matérias por si escolhidas e para que cada professor tivesse ao seu dispor todo o material disponível para a modalidade em causa aquando da sua abordagem. Este último ponto é de extrema importância pois fica, assim, assegurado que cada professor pode tirar o maior partido possível dos espaços de aulas e do material existente, conseguindo-se aumentar o empenho motor dos alunos e melhorar as condições do processo de ensino – aprendizagem.

A caracterização da escola foi de extrema importância na construção do Plano Anual, pois pôde-se analisar o contexto social/ cultural/ económico/ desportivo em que está inserida, os seus espaços físicos e os recursos materiais, temporais e humanos disponíveis à disciplina de Educação Física. Para tal, realizou-se uma pesquisa documental e uma análise do Projecto Educativo e Regulamento Interno da Escola, de forma a compreender-se o seu processo de funcionamento e sua estrutura interna

(Órgãos de Gestão Escolar), bem como examinar as possibilidades e os limites para a elaboração do planeamento do processo de ensino – aprendizagem da turma.

Outros pontos de consideração para a elaboração do Plano Anual foram as decisões conceptuais e metodológicas tomadas pelo Núcleo de Estágio, nomeadamente a escolha das matérias a abordar por cada professor estagiário, a duração da sua abordagem e os momentos de Avaliação Inicial, e a caracterização da turma. Relativamente à Avaliação Inicial, decidiu-se que seria realizada no início de cada unidade didáctica – Avaliação Diagnóstica, devido ao Núcleo de Estágio ser da opinião que os dados relativos a uma Avaliação Inicial executada no início do ano lectivo poderem não mostrar o nível real de desempenho dos alunos numa modalidade que só seria leccionada no final do ano lectivo pois, até à sua abordagem, os alunos já teriam passado por novas experiências motoras que lhes permitiriam melhorar as capacidades físicas e adquirir novos tipo de habilidades úteis para solucionar problemas encontrados em certas práticas desportivas.

A caracterização da turma foi, também, de extrema importância para o conhecimento da realidade dos alunos, nomeadamente do seu contexto familiar, do passado escolar, da relação com a disciplina de Educação Física (preferências, dificuldades, etc.) e da prática desportiva fora do contexto escolar. Estes dados permitiram adaptar o processo de ensino aos alunos, tendo sido considerados na escolha das matérias, adopção de estratégias pedagógicas entre outras, permitindo uma intervenção da professora estagiária mais consciente e individualizada junto dos alunos, pois o êxito das aprendizagens depende em grande escala do modo como se conduz o processo de ensino – aprendizagem e da adaptação do mesmo às necessidades específicas dos alunos.

Assim, estabeleceu-se que a professora estagiária iria abordar no primeiro período as modalidades de Basquetebol, Orientação e Natação, no segundo período Voleibol e Badminton/Ginástica, e no terceiro período Andebol e Atletismo.

A elaboração do Plano Anual obedeceu ao princípio de o processo de ensino – aprendizagem dever ser individualizado pois cada aluno é um ser com determinadas características e com diferentes ritmos de aprendizagem que o distinguem dos outros. Assim, este documento procurou seguir esse princípio, constituindo uma linha coerente e orientadora fundamental da base da actuação docente, sendo adequado e adaptado à

turma em questão, com estabelecimento de objectivos reais e exequíveis de acordo com os níveis de desempenho dos alunos. Também faziam parte integrante do mesmo: os momentos e procedimentos de avaliação, as estratégias de ensino e as actividades desportivas proposta pelo grupo de Educação Física e pelo Núcleo de Estágio.

Posto isto, os principais objectivos do Plano Anual eram: orientar o processo de ensino – aprendizagem da turma B do 8º ano ao longo do ano lectivo 2009/2010; controlar toda a planificação a curto, médio e longo prazo com mais segurança e fiabilidade; determinar os objectivos gerais e específicos de cada matéria a alcançar pelos alunos no final do ano; e definir de forma clara e objectiva as matérias a leccionar e a sua distribuição temporal (nº de horas/dias) durante o ano lectivo. Importa notar, que este documento não é uma “lei” a seguir rigidamente, podendo ser sujeito a reajustamentos determinados por mudanças ocorridas ao longo do ano lectivo e pelo desempenho dos alunos, entre outros factores.

2.2.1.2. Unidades Didácticas

De acordo com Bento (1998), as unidades didácticas são partes integrantes e fundamentais do programa de uma disciplina pois constituem-se unidades integrais do processo pedagógico e apresentam ao professor e aos alunos etapas bem distintas do processo de ensino – aprendizagem.

O conteúdo e a estruturação das unidades didácticas são determinados pelos objectivos, indicações de matérias e linhas metodológicas dos programas e do Plano Anual, procurando garantir a sequência lógica e metodológica da matéria e organizar as actividades do professor e dos alunos, regulando e orientando a acção pedagógica ao conferir às diferentes aulas um contributo claro para o desenvolvimento dos alunos (Bento, 1998). Assim, pode-se afirmar que as unidades didácticas constituem o princípio fundamental da elaboração e preparação das diferentes aulas de Educação Física de uma forma lógica e coesa, ao convergirem para um mesmo fim, permitindo-lhes influenciar positivamente o desenvolvimento da personalidade (habilidades, capacidades, conhecimentos, atitudes) dos alunos.

Considera-se que a elaboração das unidades didácticas foi, assim, fundamental ao sucesso do processo de ensino – aprendizagem, sendo em torno delas que decorreu “a maior parte da actividade de planeamento e de docência do professor” (Bento, 1998:

pp. 65). No entanto, e com vista a facilitar um pouco a elaboração destes documentos, era permitido que algumas tarefas fossem realizadas em grupos, sendo admissível um produto comum entre os professores estagiários, tais como a caracterização e estrutura de conhecimentos da matéria e caracterização dos recursos disponíveis na escola. Tal permitiu que os professores estagiários se focassem nos aspectos mais importantes destes planos, conseguindo-se uma adaptação adequada à turma e seus níveis de aprendizagens.

A elaboração das unidades didácticas baseou-se primeiramente nas indicações programáticas da disciplina para o 3º ciclo do Ensino Básico, bem como na Avaliação Diagnóstica efectuada aos alunos no início da mesma, tendo sido ainda consideradas as condições para a prática das modalidades na Escola e os recursos disponíveis. Assim, o ponto de partida para as construções das unidades didácticas foi a Avaliação Diagnóstica dos alunos, permitindo detectar as suas principais dificuldades e verificar os seus níveis de desempenho nas respectivas matérias, tendo-se realizado um relatório da mesma. É de salientar que o aluno não poderá ser visto nunca como uma tábua rasa. Ele tem um passado que é constituído por vários saberes que devem de servir de “âncoras” para aprendizagens futuras e para que os alunos possam ter como defendia David Ausubel (Arends, 1995) aprendizagens significativas.

Os objectivos gerais e comportamentais terminais foram seleccionados tendo em conta as indicações programáticas e os dados recolhidos na Avaliação Diagnóstica, relativamente aos domínios cognitivo, sócio – afectivo e psicomotor, sendo estes os que se esperavam alcançar no final da unidade didáctica.

A análise dos dados da Avaliação Diagnóstica possibilitou igualmente a elaboração da extensão e sequência de conteúdos, em função dos objectivos propostos para a modalidade e de forma a programar os objectivos gerais e comportamentais, conteúdos e funções didácticas por aula, constituindo-se assim, um todo coeso. Também as estratégias de ensino foram elaboradas em função do nível dos alunos, indo influenciar a extensão e sequência de conteúdos conforme a abordagem pedagógica da unidade fosse por grupos heterogéneos ou homogéneos/por nível, por exemplo. Importa referir que teve-se sempre em atenção uma abordagem das matérias do simples para o complexo, aumentando gradualmente e de acordo com a evolução dos alunos o grau de complexidade das situações.

Neste nível de planeamento foram ainda incluídos os momentos de avaliação, definidos em coerência com o estipulado no Plano Anual, um conjunto de progressões pedagógicas adaptadas aos níveis da turma e referentes aos conteúdos a abordar, e, por fim, uma reflexão e balanço final do trabalho desenvolvido, onde se avaliava os resultados finais obtidos pelos alunos (objectivos alcançados, avaliação sumativa...) e comparavam-se com os seus níveis iniciais, bem como o desempenho de todos os intervenientes no processo de ensino – aprendizagem (professora estagiária e alunos), indicando qualquer decisão de ajustamento e possíveis recomendações para melhorar a actuação docente na próxima unidade didáctica.

Para todas as unidade didácticas pretendia-se uma estrutura prática e facilitadora da acção pedagógica, nomeadamente da prática docente, objectivando-se criar um manual orientador e de apoio ao docente, ao integrar as diversas partes do processo de ensino - aprendizagem num todo. Com isto era esperado que no final de cada unidade didáctica, os alunos cumprissem os objectivos propostos para o bloco, promovendo-se o desenvolvimento de todos os domínios da sua personalidade, e que se sentissem motivados para a prática futura da modalidade no contexto escolar e/ou de lazer.

2.2.1.3. Planos de Aula

Como referido anteriormente, as unidades didácticas constituem o princípio fundamental da elaboração e preparação das diferentes aulas de Educação Física de forma a convergirem para um mesmo fim, melhorando o desenvolvimento da personalidade (habilidades, capacidades, conhecimentos, atitudes) dos alunos. Assim, pode-se conferir a cada aula os seus objectivos específicos, mas a todas um mesmo ponto de partida e caminho numa direcção unívoca, não surgindo de forma isolada (Bento, 1998).

Segundo Bento (1998: pp. 67), “a aula constitui o verdadeiro ponto fulcral do pensamento e da acção do professor”, sendo o Plano de Aula a unidade básica de planeamento e uma forma detalhada e pormenorizada do planeamento do ensino adaptado e aplicado à sala de aula (Bossle, 2002).

Considera-se que a elaboração dos Planos de Aulas deve levar o professor a reflectir sobre as aulas anteriores, tendo sempre em conta o planeamento de médio e longo prazo, de forma a realizar as adaptações necessárias ao sucesso do processo de

ensino – aprendizagem e a “aumentar a qualidade e eficácia de cada aula” (Bento, 1998: pp. 67). É, assim, fundamental que para cada aula o professor elabore um Plano de Aula, não se limitando a “pensar por alto” na mesma ou a improvisar algo no momento.

Para a elaboração de cada Plano de Aula, seguiu-se a estrutura recomendada no Guia das Unidades Curriculares dos 3º e 4º semestres 2009-2010 e outros pontos utilizados por Núcleos de Estágio anteriores. Na sua estrutura (Figura 1) foram incluídos os objectivos da aula, a função didáctica, os recursos materiais, os conteúdos a abordar, a descrição e organização das tarefas e respectivos objectivos específicos, o tempo de cada parte da sessão e de cada tarefa, e critérios de êxito de cada tarefa e suas componentes críticas. Eram ainda, apresentadas inicialmente outras informações adicionais como o ano lectivo, data, hora, período, ano/ turma, local da aula, número de aula, duração, número de alunos, unidade didáctica, número da aula e total das aulas da unidade didáctica.

PLANO de AULA					
Ano Lectivo:		Período:		Aula n.º:	
Data:		Turma:		Duração:	
Hora:		Local:		N.º da aula da U.D.:	
				N.º alunos:	
				Total de aulas da U.D.:	
Função Didáctica:					
Objectivo da Aula:					
Recursos Materiais:					
Tempo	Objectivos/Conteúdos	Organização/ Situações de Aprendizagem	Objectivos/ Componentes Críticas/ Critérios de Êxito		
Total					
Parc					
Inicial	✓	✓	✓		
↓					
Fundamental	✓		✓		
↓					
Final					
↓					

Figura 1 - Estrutura do Plano de Aula

Todos os Planos de Aula foram elaborados em concordância com o estabelecido e programado nas extensões e sequências de conteúdos e objectivos propostos para a matéria incluídos nas unidades didácticas. É de realçar que foi a partir do trabalho realizado e dos objectivos alcançados em cada aula, após uma reflexão da mesma, que se adaptou e reajustou alguns pontos das unidades didácticas de forma a aumentar ou assegurar o sucesso do processo de ensino – aprendizagem. Igualmente importante é o carácter flexível do mesmo, pois durante a aula podem surgir decisões de ajustamento em relação às tarefas, substituindo-as ou alterando-as, e/ou aos objectivos da aula.

As reflexões das aulas eram, primeiramente, desenvolvidas em grupo, através de uma reunião no final de cada aula com o professor orientador e professores estagiários que observavam as mesmas, e seguidamente de forma individual, através da elaboração de um pequeno relatório da aula. Estas reflexões incidiam principalmente no sucedido durante a realização das tarefas, análise dos pontos de sucesso e insucesso da aula/tarefas, resultados obtidos e intervenção pedagógica da professora estagiária, de forma a melhorar a sua intervenção e actuação nas aulas seguintes.

A maior dificuldade sentida pela professora estagiária foi essencialmente no planeamento de cada aula através da selecção e organização dos exercícios mais adequados aos objectivos propostos e ao nível dos alunos, bem como o tempo de exercitação de cada um, tendo as indicações do professor orientador um papel fundamental na superação destas dificuldades. Assim, inicialmente o tempo dispendido na preparação de cada aula, realização do Plano de Aula e pesquisa bibliográfica de conteúdos e exercícios, era extenso, no entanto, com a prática foi diminuindo e tornando-se o Plano de Aula num documento mais eficiente e adequado.

2.2.2. Realização

O desenvolvimento da competência profissional da prática docente relativa à realização do processo de ensino – aprendizagem (condução do ensino – aprendizagem), nomeadamente a intervenção pedagógica, foi considerado, pela professora estagiária, um dos elementos mais importantes durante o estágio e uma competência fundamental a adquirir por qualquer professor. No entanto, foi onde se apresentou mais dificuldades, representando assim, um grande desafio inicial pois a professora não tinha qualquer experiência a nível de leccionação, exceptuando o pequeno contributo da unidade curricular Didáctica da Educação Física e Desporto Escolar.

Uma vez que a sucesso das aprendizagens depende em grande escala do valor das tarefas propostas aos alunos e das estratégias e intervenções pedagógicas adoptadas pelo professor, considera-se que as primeiras aulas foram decisivas. Assim, permitiram conhecer o carácter da turma e, posteriormente, desenvolver e adaptar a intervenção pedagógica da professora estagiária junto desta, ao adequar a sua actuação e desempenho em função do comportamento e necessidades da turma e dos objectivos propostos a alcançar.

Para o sucesso do desenvolvimento desta competência contribuíram a experiência e *feedbacks* do professor orientador e as reuniões realizadas no final de cada aula, como referido anteriormente, para reflexão de toda a aula e onde o ponto “intervenção pedagógica” era particularmente discutido, ao se analisar os pontos positivos e negativos da intervenção da professora estagiária e ao se sugerir propostas de melhoria.

Em seguida, passa-se a apresentar uma análise do ponto “Realização” de acordo com as dimensões: Instrução, Gestão, Clima/ Disciplina e Decisões de Ajustamento. É de notar que estas dimensões devem ser consideradas pelo professor como um conjunto interligado, levando a sua correcta organização ao sucesso da aula individualmente e do processo de ensino – aprendizagem como um todo.

2.2.2.1. Instrução

Entende-se instrução como a intervenção verbal do professor através da transmissão de informação, das explicações e directivas, podendo ser acompanhadas por demonstração, considerando-se assim, um processo interactivo entre o professor e os alunos em torno de um certo conteúdo, ao longo do tempo e num contexto social particular. (Graça (2006) citando Cohen, Raudenbush & Ball (2003) e Kansanen (2003)),

Segundo Graça:

No processo de instrução, o professor avalia as necessidades, os interesses e as capacidades dos alunos; concebe, selecciona e adapta actividades, tarefas e exercícios para concretizar os objectivos de aprendizagem, optimizando os recursos disponíveis; apresenta tarefas, dá explicações, comunica expectativas e exigências sobre o que deve ser feito e como deve ser feito; apoia o confronto dos alunos com as tarefas de aprendizagem; estimula, supervisiona, orienta, regula, avalia o empenhamento na actividade e o rendimento dos alunos.

(2006: pp. 170)

Um dos objectivos iniciais, que a professora estagiária queria atingir, era o de ser capaz de intervir de forma eficaz e pertinente no processo de ensino – aprendizagem, mas tendo em conta que não tinha qualquer experiência na área, perspectivava algumas dificuldades iniciais. Assim, no início do ano, as suas instruções (inicial, ao longo da

aula ou final) eram por vezes pouco objectivas e demoradas, evidenciando-se falta de segurança e algumas dificuldades em seleccionar as informações mais importantes a transmitir aos alunos (componentes críticas e critérios de êxito das tarefas).

No entanto, ao longo do ano, através da reflexão da sua intervenção e dos *feedbacks* por parte do professor orientador, considera-se que melhorou bastante, conseguindo então, comunicar e intervir no processo de ensino – aprendizagem de forma apropriada e objectiva, tornando-se mais eficaz. Assim, as instruções tornaram-se mais rápidas e objectivas, sendo as informações transmitidas claras para os alunos, desde os objectivos da aula/ tarefas às indicações e correcções.

Ao longo de cada aula, pretendeu-se sempre realizar uma ligação com os conteúdos e instruções das aulas anteriores, de forma a assegurar uma continuidade não só dos conteúdos da matéria mas da informação transmitida ao aluno. Para tal, a informação inicial e final tinham um papel preponderante na ligação e “relembrar” do abordado na aula anterior e no *transfer* para futuras aulas. Também na informação final, um aspecto que foi melhorado ao longo das aulas foi o questionamento, que inicialmente era quase inexistente.

Relativamente à condução da aula, aquando da intervenção junto dos grupos de trabalho, a professora estagiária teve algumas dificuldades em ter um posicionamento sempre correcto pois inicialmente focava-se demasiado num certo grupo, perdendo a visão global da turma, mas com a prática conseguiu corrigir este aspecto. Verificou-se que houve mais dificuldades neste aspecto inicialmente e aquando da abordagem dos desportos individuais, nomeadamente Ginástica pois a organização da aula era muito diferente do habitual (trabalho por estações), estando os alunos bastante dispersos pelo espaço de aula. No entanto, após essa dificuldade inicial ser ultrapassada, quando houve novamente retrocesso, este foi ultrapassado rapidamente e em pouquíssimas aulas. Quanto à circulação no espaço de aula, a professora estagiária conseguiu sempre movimentar-se de forma correcta apesar de, como referido em cima, por vezes não se posicionar de forma a ter uma visão geral da turma.

A professora estagiária recorreu a meios auxiliares gráficos de instrução ao longo das unidades didácticas de Ginástica e Atletismo, para que os alunos pudessem recorrer a eles ao longo da aula, para verificar o que era pretendido realizar em cada

estação ou as componentes críticas dos gestos (componentes críticas e imagem total do movimento).

Outro aspecto melhorado foi a demonstração das tarefas ou gestos na instrução, tendo a professora estagiária recorrido pouca vezes a ela nas primeiras aulas. Após reflexão e verificar que realmente a demonstração é um meio facilitador e eficaz da compreensão, começou a demonstrar ela própria ou a recorrer variadas vezes a alunos para a realizarem, de forma a não perder o controlo da turma, e acompanhando-a de *feedback* e informação sobre a tarefa, enfatizando as componentes críticas da sua realização.

Relativamente ao *feedback* pedagógico, considera-se que é muito importante o seu uso para a aprendizagem do aluno sendo um óptimo instrumento para o professor enquanto agente de ensino. Assim, através do uso do *feedback* pretende-se modificar o desempenho do aluno em determinado gesto e/ou tarefa, como resultado da observação e da correcção do professor, devendo este ser o mais imediato e específico possível (Arends, 1995).

A professora estagiária privilegiou o uso do *feedback* descritivo e prescritivo, usando inicialmente pouco *feedback* positivo, estando muito centrada na execução dos alunos e em corrigir os seus erros. No entanto, ao longo das aulas conseguiu corrigir essa falha e usar o reforço positivo, motivando também os alunos para a prática. Inicialmente a sua maior dificuldade prendia-se no facto de conseguir fornecer um grande número de *feedbacks*, intervir de uma forma constante e activa, no entanto, com o decorrer das aulas foi melhorando a sua intervenção, fornecendo muitos *feedbacks* e de forma pertinente e adequada à situação. Para tal, foi fundamental em determinadas matérias, como é o caso da Natação e do Andebol, realizar muito trabalho de pesquisa na preparação das aulas, de forma a aumentar o seu conhecimento e melhorar a eficácia e qualidade da intervenção juntos dos alunos.

Analisando o uso do *feedback* nas suas outras dimensões, forma e direcção, a professora privilegiou o uso do *feedback* auditivo, tendo aumentado o uso do visual ao longo das aulas. Nas aulas de Ginástica frequentemente, recorreu ao *feedback* quinestésico. Não se evidenciaram grandes dificuldades no fornecimento de *feedback* individual, no entanto por vezes a professora não usava o *feedback* ao grupo ou colectivo, tendo também melhorado ao longo das aulas.

Assim, considera-se que a professora estagiária conseguiu alcançar os objectivos propostos ao nível da instrução.

2.2.2.2. Gestão

Segundo Arends (1995: pp. 185), “a gestão da sala de aula e a instrução estão interligadas/ relacionadas. A gestão da sala de aula não é um fim em si mesma; é meramente uma das funções do papel de liderança do professor”. Assim, a professora estagiária pretendia desenvolver a capacidade de otimizar o tempo de aula para um melhor potencial de aprendizagem possível, tendo intervenções pertinentes de forma a não desperdiçar tempo desnecessário.

Relativamente à gestão do tempo de aula, a professora estagiária conseguiu controlar quase sempre o tempo total da aula, mas inicialmente as instruções eram algo longas o que diminuía o tempo de prática ou aumentava o tempo para cada tarefa, fazendo com que a tarefa final tivesse que ser encurtada de forma a cumprir o tempo total de aula. Por vezes levou a que, numa tentativa de não encurtar a última tarefa (por exemplo: situação de jogo reduzido), ficasse sem tempo para realizar uma palestra final de forma correcta com questionamento, revisão e realização de extensão de conteúdos ou mesmo com motivação para a aula seguinte. Outro aspecto importante na gestão do tempo foi o momento da instrução e transição nas matérias em que a turma foi dividida por grupos de níveis. Assim, a professora estagiária optou por parar cada grupo individualmente e dar a respectiva instrução pois parar todos ao mesmo tempo, implica uma diminuição significativa no tempo de prática dos alunos uma vez que têm que esperar que a instrução seja dada ao outro grupo e que este inicie novamente a sua prática antes de receberem a sua.

A organização da aula foi um aspecto muito importante na gestão do tempo de aula, tendo a professora estagiária optado por realizar sempre um mesmo leque de exercícios, contudo variados, pois considerava-os adequados e pertinentes aos objectivos propostos e aos alunos de acordo com o seu nível, maximizando o tempo de prática ao diminuir os tempos de transição e instrução pois os alunos já conheciam os exercícios, elevando o empenho motor dos mesmos. Outra opção extremamente eficaz foi a montagem do material de aula antes de esta começar pela professora estagiária,

permitindo não se perder tempo efectivo de aula, privilegiando o empenho motor dos alunos e levando ao sucesso das aulas ao longo das várias unidades didácticas.

Assim, o estabelecimento de algumas rotinas para reunião e transição, utilização de um processo de chamada rápido, permitiram aumentar a dinâmica das aulas, não diminuindo o ritmo da mesma nas transições para novas tarefas. Sendo a motivação e empenho dos alunos ao longo da aula, também um aspecto muito importante na gestão da mesma. No entanto, a professora estagiária por vezes deparou-se com a falta de motivação e interesse dos alunos numa aula ou numa determinada matéria, tendo que adoptar estratégias motivacionais para que as atitudes dos alunos não prejudicassem a aula. A conversa de alguns alunos durante os momentos de instrução e transição, também afectavam a gestão do tempo de aula, pois diminuía a dinâmica da aula uma vez que demorava-se mais tempo nas instruções.

Considera-se que foi no aspecto da manutenção da motivação e interesse dos alunos e no controlo das conversas paralelas que a professora estagiária teve mais dificuldades ao longo do ano, no entanto conseguiu ultrapassá-las e gerir a aula de uma forma correcta e eficaz.

2.2.2.3. Clima/ Disciplina

Segundo Arends:

Um ambiente de aprendizagem produtivo é caracterizado por um clima geral onde os alunos se sentem a si próprios e aos seus colegas de forma positiva, onde as suas necessidades individuais são satisfeitas de forma a que eles persistam nas tarefas escolares e trabalhem cooperativamente com o professor e onde os alunos possuem as competências interpessoais e grupais indispensáveis para cumprir as exigências da vida na sala de aula.

(1995: pp. 129)

A boa relação professor/ aluno é muito importante e ajuda a criar um clima positivo no qual os alunos podem alcançar os objectivos educativos importantes. Assim, os professores eficazes tentam favorecer a aprendizagem ao instaurar um clima enriquecedor e estabelecer boas relações entre o professor e os alunos (Siedentop,

2008). No entanto, o mesmo autor realça a ideia que, apenas um clima com estas características não constitui uma educação eficaz.

Uma vez que, os processos da sala de aula são muito influenciados pelas acções do professor e podem ser alterados de forma a construir ambientes mais produtivos (Arends, 1995), cabe ao professor melhorar as suas capacidades de interacção pessoal e criar orientações educacionais positivas, isto é, garantir a aceitação das opiniões pessoais dos alunos, promover um ambiente de confiança, e mostrar interesse pelo aluno e confiança na sua aprendizagem.

Ao longo do ano lectivo, a professora estagiária procurou criar sempre um clima de aula positivo e enriquecedor para o processo de ensino – aprendizagem, e que fosse motivador e estimulante para os alunos. Assim, a relação professor/ aluno era boa, estando esta sempre disponível para os alunos, ouvindo as suas opiniões e mesmo os seus problemas. No entanto, manter os níveis de empenhamento e motivação dos alunos sempre elevados foi uma árdua tarefa, tendo que encontrar soluções motivacionais, como por exemplo a realização de jogo ou formas de jogo no aquecimento e actividades lúdicas no final das aulas directamente relacionadas com a matéria de Natação/ Ginástica. Por vezes, a professora estagiária foi obrigada a recorrer a técnicas punitivas, essencialmente nos casos de diminuição do empenho ao longo da aula ou “preguiça”.

Relativamente ao controlo da turma, este foi sempre mantido de uma forma ou de outra, havendo apenas alguns episódios de indisciplina por parte de alguns alunos (conversa, agitação, mau comportamento, falta de respeito...). Os casos de indisciplina surgiam por incumprimento das tarefas propostas ou das regras estipuladas para a sala de aula, havendo mais comportamentos inapropriados do que indisciplinados propriamente ditos. Assim, a professora estagiária tentou ignorar sempre que possível os comportamentos de desvio pouco graves (para chamar a atenção da professora), recorrendo à repreensão oral ou à aplicação de castigo consoante a gravidade do comportamento (“*time – out*”, trabalho de força, corrida, arrumação do material...).

Segundo Siedentop (2008) o passo mais importante para se conseguir uma boa disciplina consiste em desenvolver e manter os comportamentos apropriados dos alunos. Assim, a professora estagiária também recorreu a estratégias preventivas, que consistiam em separar, pelos diferentes grupos de trabalho, os alunos mais agitados ou mal comportados, de modo a que não interagissem entre eles, tendo juntado a estes os

alunos mais bem comportados e empenhados de modo a controlar as suas atitudes. O uso destes alunos como agentes de ensino, responsabilizando-os pelos colegas com mais dificuldades também resultou bastante bem, tendo-se modificado muito o seu comportamento e ajudado, na realidade, os colegas nas mais diversas tarefas. O reconhecimento dos bons comportamentos e empenho por parte destes alunos também foi realizado (reforço positivo), verificando-se a satisfação dos mesmos ao serem reconhecidos pelo seu esforço.

Relativamente à comunicação, a professora estagiária comunicava de uma forma clara e objectivo, fazendo recurso à terminologia correcta de forma adequada aos alunos e a os familiarizar com a mesma, incentivando o seu uso por parte dos mesmos. Ao comunicar, teve sempre em atenção o nível de compreensão dos alunos, para que percebessem “à primeira” e não ter que explicar vezes sem conta a mesma coisa. No entanto, inicialmente teve problemas de colocação de voz, não sendo muito audível pelos alunos, mas esforçou-se para ultrapassar essa dificuldade rapidamente.

2.2.2.4. Decisões de Ajustamento

No que diz respeito à dimensão das decisões de ajustamento, considera-se que o processo de ensino – aprendizagem decorreu de uma forma geral como planeado, não sendo necessário tomar muitas decisões de ajustamento a esse nível.

Assim, estas aconteceram sempre que se verificou necessário ao nível da aula, através do ajuste dos grupos de trabalho ou de alguns exercícios, devido às faltas de presença e de material ou por considerar-se, no decorrer da aula, que os alunos beneficiariam da alteração dos exercícios (substituição de exercícios, aumento ou diminuição da complexidade das tarefas – objectivos). Relativamente à organização de aula, na unidade didáctica de Ginástica, a sua estrutura passou a englobar nas aulas de 90 minutos, nos 15 minutos finais de prática, a realização de jogos e situações lúdicas directamente relacionadas com a modalidade, onde os alunos exercitavam movimentos e elementos abordados nas aulas, como por exemplo corridas de rolamentos à frente e de saltos de eixo. Esta alteração constituiu essencialmente uma estratégia motivacional e preventiva para a falta de empenho e motivação.

Também ao nível do planeamento ocorreram alguns ajustes, tendo-se diminuído ou aumentado o número de aulas das unidades didácticas, alterado os objectivos iniciais

propostos por evolução do desempenho dos alunos, no caso da unidade didáctica de Andebol, e alterado as matérias a abordar por falta de tempo ou como consequência de outras decisões.

Assim, após análise da caracterização da turma e consulta do professor orientador, optou-se por substituir a matéria de Futsal inicialmente proposta, uma vez que os alunos tinham muito acesso à mesma fora do contexto escolar, pois a grande maioria dos rapazes praticava Futebol/Futsal como modalidade desportiva. Deste modo, a matéria escolhida foi a Orientação, sendo algo totalmente novo para os alunos e que lhes iria proporcionar novos conhecimentos e experiências (tomadas de decisão, orientação espacial...). Para a sua abordagem planeou-se três semanas (9 aulas), aumentando-se a duração da matéria de Basquetebol para cinco semanas pois o tempo inicial era considerado curto. No entanto, a penúltima semana da unidade didáctica de Basquetebol, verificou-se que a evolução da turma não ocorria da forma esperada, estando um pouco atrasada em relação aos objectivos inicialmente propostos, optando-se por alterar novamente o planeamento ao não realizar a matéria de Orientação, aumentando em 9 aulas a unidade didáctica de Basquetebol para que os objectivos propostos fossem atingidos.

Outra alteração efectuada residiu no aumento para sete semanas da abordagem à matéria de Voleibol, tal facto deveu-se a uma estratégia por parte do Núcleo de Estágio em promover e motivar os alunos para a actividade “Torneio de Voleibol 2 x 2” que se iria realizar na primeira semana de aula após a interrupção lectiva do Carnaval. No entanto, esta alteração teve consequências no tempo destinado à abordagem das matérias de Ginástica e Badminton, passando para quatro semanas pelo que se optou, ao nível do Núcleo de Estágio, por leccionar apenas a modalidade de Ginástica.

2.2.3. Avaliação

A avaliação é uma constante do nosso dia-a-dia, sendo um conceito multifacetado e, por vezes, uma técnica pouco neutra e reveladora de verdade. Segundo Maccario (1982), avaliar consiste na atribuição de um valor ou de um juízo a algo ou alguém em função de um dado projecto.

Gronlund (Landsheere, 1979 in Chevallard, 1990) citado por Pinto (2004), define “avaliação como um processo sistemático com o objectivo de determinar em que medida os objectivos educativos são atingidos”. Assim, considera-se que a avaliação é um processo onde é fundamental não confinar os seus intervenientes (professor e alunos) a um segundo plano, pois “não existem processos de avaliação sem os seus actores” (Pinto, 2004).

Ribeiro (1999) entende a avaliação como um processo que intenta acompanhar o progresso do aluno, ao longo do seu processo de aprendizagem, identificando o que já foi alcançado e pretendendo encontrar as melhores soluções para as dificuldades sentidas, podendo-se reformular o ensino e aumentar a sua qualidade. Assim, a avaliação incide sobre o desempenho do aluno e, até, sobre o plano de acção do professor, estando intrinsecamente ligada ao processo pedagógico.

A avaliação é, então, da responsabilidade do professor tendo por objectivo reunir as informações necessárias, o mais relevantes e exactas possíveis, para tomadas de decisão correctas e conscientes sobre o processo de ensino – aprendizagem (Arends, 1995).

Cardinet (1983) citado por Pinto (2004), aponta três funções da avaliação: a regulação dos processos de ensino – aprendizagem que se projecta para a sua própria função pedagógica, a certificação com o objectivo de validação de competências e a selecção/orientação que favorece a evolução do aluno. A avaliação torna-se assim, essencial para a elaboração de critérios e objectivos adequados e específicos de acordo com as características do meio e da turma, para se seleccionar as estratégias de ensino e os conteúdos (Maccario, 1982).

Em concordância com Ribeiro (1999), as avaliações a que a professora estagiária procedeu, ao longo das unidades didácticas, enquadravam-se em três grandes tipos: Avaliação Diagnóstica, Avaliação Formativa e Avaliação Sumativa. Sendo realizadas nos domínios cognitivo, sócio – afectivo e psicomotor, e a partir da observação de um conjunto de competências às quais estava associado um determinado grau de sucesso explicitado em vários níveis de desempenho.

2.2.3.1. Avaliação Diagnóstica

Segundo Ribeiro (1999), a Avaliação Diagnóstica tem como propósito aferir as posições dos alunos face a novas aprendizagens, que lhes vão ser apresentadas, e a aprendizagens anteriores, que lhes servem de base. Desta forma, permite ao professor saber quais as possibilidades dos alunos e prevenir ou solucionar as dificuldades actuais ou futuras (Carvalho, 1994).

A Avaliação Diagnóstica tinha como principal objectivo fornecer à professora estagiária informações sobre os níveis iniciais de desempenho dos alunos a uma dada matéria, sendo um ponto de partida para a elaboração das unidades didácticas. Os dados recolhidos conduziam a tomadas de decisão através de uma adaptação do ensino às características e níveis dos alunos, como a adopção de estratégias de diferenciação pedagógica, e adequação ou reformulação do planeamento. Assim, este tipo de avaliação realizou-se no decorrer do ano lectivo na primeira aula da nova Unidade Didáctica e dizia respeito às competências do domínio psicomotor, sócio – afectivo e cognitivo.

O Núcleo de Estágio procedeu à construção de grelhas de Avaliação Diagnóstica para cada matéria a abordar, baseando-se nos conteúdos programáticos do 3º ciclo do Ensino Básico para a disciplina. Note-se que foram tidos em atenção as indicações programáticas do 7º ao 9º ano de escolaridade, uma vez que muitos alunos poderiam não ter atingido, no ano transacto, os objectivos propostos para esse ano ou estarem num nível mais avançado do que o estabelecido para o 8º ano de escolaridade.

O registo da avaliação era realizado de forma directa na grelha, através de situações de exercícios critério/sequências (técnica) e/ou situações de jogo reduzido (técnica e táctica), consoante as matérias. A cada critério correspondia um nível de desempenho, através da simbologia NE (Não Executa), ED (Executa com Dificuldade) e E (Executa). Posteriormente, era atribuído a cada aluno, com base na avaliação obtida em cada critério, a classificação de nível: não introdutório, introdutório, elementar ou avançado.

Relativamente às grelhas de avaliação, a sua estrutura foi elaborada pelo Núcleo de Estágio no início do ano lectivo. No entanto, após a sua primeira utilização, propôs-se alterações para as grelhas seguintes pois eram de muito difícil preenchimento, o que aliado à falta de conhecimento inicial dos alunos e falta de experiência, dificultou a

realização da Avaliação Diagnóstica à matéria de Basquetebol. Assim, o Núcleo de Estágio procedeu à sua alteração, tanto a nível estrutural como de preenchimento, resultando num instrumento de fácil utilização, de acordo com o descrito no parágrafo anterior, não tendo a professora estagiária qualquer problema na realização das avaliações diagnósticas seguintes.

Para finalizar este processo de avaliação, era realizado para cada matéria, um relatório de Avaliação Diagnóstica onde a professora estagiária analisava os dados obtidos e estabelecia objectivos e estratégias de actuação para as aulas. Assim, como referido anteriormente, a Avaliação Diagnóstica constituía o ponto de partida para a elaboração da unidade didáctica ao se definir os objectivos comportamentais terminais, a extensão e sequência de conteúdos e as estratégias de ensino.

2.2.3.2. Avaliação Formativa

Segundo Ribeiro (1999) a Avaliação Formativa “pretende determinar a posição do aluno ao longo de uma unidade de ensino, no sentido de identificar dificuldades e lhes dar solução”.

Assim, a Avaliação Formativa tinha como principais objectivos verificar se o aluno estava a atingir os objectivos previstos sob forma de conceitos, habilidades e atitudes, identificando as suas dificuldades, e recolher informações que permitissem à professora estagiária adaptar a sua acção pedagógica, aperfeiçoando o processo de ensino – aprendizagem.

A Avaliação Formativa assumiu um carácter contínuo, sendo realizada em todas as aulas e as informações registadas numa grelha de Avaliação Formativa Diária.

Neste tipo de avaliação, a professora estagiária contemplou aspectos relativos ao domínio sócio – afectivo, tais como pontualidade, assiduidade, comportamento e empenho, e ao domínio cognitivo (conhecimento das regras de segurança, do equipamento e material e das componentes críticas dos vários conteúdos), por meio do questionamento no decurso das aulas. Também os aspectos relativos ao domínio psicomotor eram tidos em conta, sendo registadas as informações relativas ao desempenho dos alunos nos relatórios de cada aula, de forma a verificar a direcção do processo de aprendizagem e adaptar objectivos caso necessário.

A avaliação das competências do domínio cognitivo e sócio - afectivo foi realizada por observação do comportamento dos alunos durante as aulas e registada no final de cada aula (em diferido) na grelha de Avaliação Formativa Diária.

A professora estagiária elaborou igualmente, uma grelha de Avaliação Formativa, que entregava à Directora de Turma com informações relativas aos três domínios avaliados, de forma a informar os Encarregados de Educação dos alunos, dos êxitos e dificuldades dos seus educandos no decurso do ano lectivo.

2.2.3.3. Avaliação Sumativa

Segundo Ribeiro (1999) “a avaliação sumativa pretende ajuizar do progresso realizado pelo aluno no final de uma unidade de aprendizagem, no sentido de aferir resultados já recolhidos por avaliações de tipo formativo e obter indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de ensino”. Assim, tem uma função classificatória e o seu objectivo é atribuir uma nota definitiva, tendo por base os níveis de aproveitamento que foram anteriormente estabelecidos, ao sumariar o desempenho de um determinado aluno, num conjunto de objectivos de aprendizagem (Arends, 1995).

Este tipo de avaliação tinha como principal objectivo aferir a progressão dos alunos e avaliar as suas aprendizagens durante a unidade didáctica, atribuindo-lhes uma classificação quantitativa. Outro objectivo igualmente importante foi possibilitar à professora estagiária avaliar o seu próprio trabalho durante a unidade didáctica, verificando se os objectivos propostos estavam adaptados às capacidades dos alunos e se as progressões pedagógicas realizadas eram as mais adequadas, permitindo igualmente fomentar futuras alterações no processo de ensino – aprendizagem, caso necessário.

Relativamente às aulas de Avaliação Sumativa, a professora estagiária respeitou sempre o formato normal das aulas de Educação Física, não procedendo a uma avaliação individual e seriada dos alunos. Assim, a Avaliação Sumativa de cada unidade didáctica realizou-se na última aula da mesma.

A professora estagiária procedeu à construção de grelhas de Avaliação Sumativa para cada matéria, de acordo com os conteúdos abordados e objectivos a atingir. Os

domínios sócio – afectivo e cognitivo foram avaliados a partir dos resultados da Avaliação Formativa contínua, completando a Avaliação Sumativa.

O registo da Avaliação Sumativa dos aspectos relativos às competências do domínio psicomotor realizou-se de forma directa na grelha, através da observação dos elementos técnicos e táticos (ofensivos e defensivos), que compunham os objectivos propostos a alcançar e que os alunos deveriam realizar com sucesso no final da Unidade Didáctica, em situação de exercício/sequência e/ou de situação de jogo reduzido, consoante as matérias. Os resultados obtidos foram registados na grelha de Avaliação Sumativa através da atribuição de um nível de desempenho, de acordo com uma escala de 1 – Não executa - a 5 – Executa muito bem, onde:

- **Nível 1** – Corresponde aos alunos que nunca realizam a acção motora;
- **Nível 2** – Corresponde aos alunos que a realizam com muitas dificuldades e não cumprem minimamente as suas componentes críticas;
- **Nível 3** – Corresponde aos alunos que a realizam com dificuldade e que cumprem minimamente as suas componentes críticas;
- **Nível 4** – Corresponde aos alunos que a realizam bem e regularmente, cumprindo quase sempre as suas componentes críticas;
- **Nível 5** – Corresponde aos alunos que realizam muito bem a acção motora e que cumprem todas as suas componentes críticas.

Para finalizar este processo de avaliação, era produzido para cada matéria, um relatório de Avaliação Sumativa onde a professora estagiária analisava os dados obtidos. Assim, a professora estagiária realizava um balanço final do processo de ensino – aprendizagem, de onde decorriam informações sobre os objectivos efectivamente atingidos, ao comparar os resultados perspectivados e os realmente alcançados, tornando-se esta avaliação muito importante para reformular e avaliar a eficácia do processo de ensino – aprendizagem.

Relativamente ao processo de Avaliação Sumativa de final de período, a professora estagiária seguiu os critérios de avaliação e respectivas cotações estipulados pelo grupo de Educação Física no início do ano para os vários domínios, de forma a obter uma classificação final do aluno.

2.2.4. Atitude ético – profissional

A ética profissional constitui uma dimensão paralela à dimensão intervenção pedagógica e tem uma importância fundamental no desenvolvimento do agir profissional do futuro professor. A ética e o profissionalismo docente são os pilares deste agir e revelam-se constantemente no quadro do desempenho diário do estagiário.

(in Guia das Unidades Curriculares dos 3º e 4º semestres 2009-2010: pp. 18)

Caetano & Silva (2009) afirmam que “o professor deve agir na observância de um conjunto de princípios de natureza moral e também porque o que se espera do professor é que ele recorra a uma estratégia, desenvolva um método e disponha de recursos para promover a formação ética dos alunos”. Silva (1994) citado por Caetano & Silva (2009) afirma que ser-se professor obriga a um modo particular de ser e de estar.

Assim, considera-se que o desenvolvimento de competências ético – profissionais é de extrema importante ao longo da formação do professor estagiário, sendo necessário que este desenvolva princípios morais que regam a sua conduta enquanto professor. Logo, pretendia-se que a professora estagiária revelasse compromisso com as aprendizagens, responsabilidade, pontualidade, disponibilidade e muitas outras competências, tão importantes.

Neste sentido, durante o ano lectivo a professora estagiária adoptou sempre uma postura de pontualidade e assiduidade, promovendo entre os seus alunos estes mesmos valores. Assim, todas as aulas da turma foram leccionadas pela mesma, estando inclusive a professora estagiária antes do toque de entrada já no espaço de aula a montar o material, para que quando tocasse já se encontrar tudo montado e organizado.

A professora estagiária mostrou-se sempre disponível para os alunos, quer a nível pessoal como profissional, promovendo-se uma boa relação professora/alunos. Também participou de forma activa e regular nas demais actividades escolares, quer fossem de carácter directamente relacionado com o estágio ou não. Assim, esteve presente e ajudou nas actividades desportivas promovidas pelo grupo de Educação Física, restantes actividades escolares e acompanhou, durante todo o estágio, as actividades da Directora de Turma a quem prestou assessoria, mostrando-se sempre

disponível para realizar qualquer função, tendo um papel activo e por vezes fora do seu horário. Esta foi uma opção de carácter pessoal pois as suas obrigações terminavam no início do segundo período com o término da unidade curricular organização de Gestão Escolar, uma vez que considerou que o continuar das funções de assessora seriam uma mais-valia na sua formação.

Considera-se que revelou igualmente capacidade de responsabilidade ao cumprir e respeitar os compromissos assumidos.

Relativamente ao trabalho em equipa, tanto a professora estagiária como o Núcleo de Estágio, privilegiavam esta forma de trabalho, sendo também muito incentivado pelo professor orientador. Assim, a cooperação entre estagiários era promovida não só para elaboração de documentos, por exemplo, mas também aquando da reflexão do trabalho realizado individualmente ou partilha de preocupações, dificuldades e conhecimentos, tentando encontrar em conjunto soluções adequadas a cada questão.

Um compromisso assumido prendia-se com a sua formação. Assim, ao ter consciência que havia conhecimentos que tinham que ser melhorados ou mesmos adquiridos, a professora estagiária procurou integrar, na preparação para as aulas e ao longo de todo o ano lectivo, práticas de auto-formação ao pesquisar na bibliografia da área de forma a desenvolver e potenciar o seu desenvolvimento profissional. Posto isto, considera-se que esta prática não só melhorava a sua aprendizagem como a dos alunos, pois a professora estagiária mostrava mais segurança e domínio das matérias, entrando esta competência em convergência com o compromisso com as aprendizagens dos alunos.

Considera-se que no decurso do estágio, a professora estagiária conseguiu desenvolver capacidades reflexivas, ao analisar criticamente e avaliar o seu trabalho, bem como analisar e reflectir sobre o dos seus colegas estagiários. Estas competências foram onde se considera que houve uma maior evolução, tendo o professor orientador estimulado os professores estagiários à reflexão e análise crítica,

Note-se que algumas das competências em cima enunciadas serão mais pormenorizadamente analisadas no capítulo seguinte destinado à reflexão, como é o caso do compromisso com as aprendizagens dos alunos, importância do trabalho em equipa, capacidade de iniciativa e responsabilidade.

2.3. Justificação das opções tomadas

Neste ponto pretende-se justificar as opções tomadas pela professora estagiária ao longo do processo de ensino – aprendizagem, analisando a metodologia de ensino aplicada, as decisões de planeamento e processos de ensino.

De acordo com Siedentop (1998) a chave da eficácia do ensino é a qualidade do empenho dos alunos na aula, pelo que se torna necessário que o professor também adopte estratégias de ensino adequadas, de modo a promover e influenciar o empenho apropriado por parte do aluno, para obter-se resultados em todos os domínios da aprendizagem (psicomotor, cognitivo e sócio – afectivo).

No desenvolvimento da aula, a professora estagiária pretendeu envolver sempre os alunos no processo de ensino – aprendizagem, através da realização de variadas tarefas práticas em grupo e individualmente e discussão da problematização. Assim, optou por realizar exercícios críticos e tarefas próximas das situações formais, ao privilegiar as formas de jogo reduzido ou próximas de jogo (relevância contextual), recorrendo também a situações lúdicas para exercitar técnica e/ou tática, como por exemplo o “Jogo dos 10 Passes”. No entanto, pretendia-se que os alunos não se limitassem a realizar o pedido e como era pedido, obrigando-os a reflectir e a adaptar a teoria à prática, solucionando os problemas que cada situação apresentava (ex. Devo passar ou driblar? Remato ou passo a um colega melhor posicionado? etc.). Pelo que a professora estagiária preocupava-se em não cessar as formas de ensino quando os alunos desempenhavam as tarefas propostas, interrompendo a acção, sempre que necessário, para explicar ou dar *feedback* sobre o desempenho dos seus alunos, reagindo positivamente aos êxitos. A exercitação, também, foi um elemento central da aprendizagem pois considera-se que sem repetição não há aprendizagem

Sempre que possível, a professora estagiária optou por no aquecimento incluir uma componente lúdica pois considera que os jogos lúdicos, específicos relativamente aos conteúdos da aula, permitem uma familiarização dos alunos com esses conteúdos e constituem igualmente um factor motivacional. No entanto, nem sempre foi possível a sua utilização pois os alunos ficavam muito agitados no aquecimento, desconcentrando-se para a parte fundamental da aula.

Relativamente à estrutura da aula, a professora estagiária estabelecia três momentos: parte inicial, onde realizava uma ligação entre os conteúdos abordados na aula anterior e os conteúdos e objectivos da aula, no sentido de promover a motivação e o empenho dos alunos na realização das diferentes tarefas; parte fundamental, onde na instrução de cada tarefa focava os pontos mais importantes à sua realização e dos gestos, estando sempre atenta à prática dos alunos de forma lhes dar feedback; e parte final, onde realizava uma revisão dos conteúdos e objectivos abordados, bem como a extensão aos conteúdos seguintes, como forma de motivar os alunos para as próximas aulas.

Os estilos de ensino preferencialmente usados pela professora estagiária foram o ensino por comando e por tarefa. O estilo de ensino por comando foi utilizado principalmente em alguns tipos de aquecimento, como por exemplo o aquecimento específico em Ginástica, e nos alongamentos e parte final, onde pretendia-se que o aluno seguisse as “ordens” da professora, desempenhando a tarefa quando e como descrita, havendo um alto empenho na tarefa. Por sua vez o estilo de ensino por tarefa era normalmente o mais aplicado e utilizado na parte fundamental da aula em todas as suas tarefas, permitindo uma certa independência ao aluno ao possibilitar-lhe realizar a tarefa segundo o seu ritmo, pois a professora estagiária explicava e demonstrava a tarefa e o aluno executava com algum grau de independência. Assim, a professora estagiária observava e fornecia *feedback* sobre o desempenho do aluno.

Os alunos que não realizavam a aula prática realizavam tarefas alternativas propostas pela professora estagiária, tais como arbitrar os jogos realizados, arrumação e preparação do material e/ou realização de uma ficha sobre os conteúdos abordados na aula ou relatório de aula. Assim, pretendia-se envolver também estes alunos nas aulas ao participarem de forma activa nas tarefas ou obrigando-os a estar atentos às instruções da professora estagiária para realizarem com sucesso as suas fichas ou relatórios.

Relativamente às decisões de planeamento, estas tomaram-se ao nível do grupo de Educação Física, nomeadamente a escolha das matérias a leccionar e a sua ordem: Basquetebol, Futsal, Natação, Voleibol, Ginástica, Badminton, Andebol e Atletismo, para que pudesse ser elaborado o mapa de rotação de espaços para cada professor consoante as matérias por si escolhidas. Posteriormente e em reunião do Núcleo de Estágio com o professor orientador, foram propostas alterações às matérias a abordar por cada professor estagiário, tendo-se definido que a professora estagiária abordaria

Orientação em vez de Futsal. Esta opção tomou-se após a caracterização da turma, justificando-se pela facilidade com que os alunos tinham acesso à prática do Futsal fora do contexto escolar, tendo a professora estagiária sugerido a sua alteração para uma modalidade nova e à qual nunca tinha sido realizada uma introdução, Orientação, ao representar uma fonte de novos conhecimentos e experiências para os alunos (tomadas de decisão, orientação espacial, ...).

A duração das unidades didácticas também foi estabelecida em grupo pelo Núcleo de Estágio e pelo professor orientador, dando uma média de 5 semanas para cada abordagem e tendo em conta o mapa de rotação de espaços. Os momentos de Avaliação Inicial também foram aí estabelecidos, decidindo-se que seria realizada no início de cada unidade didáctica – Avaliação Diagnóstica, devido ao Núcleo de Estágio ser da opinião que os dados relativos a uma avaliação executada no início do ano lectivo poderem não mostrar o nível real de desempenho dos alunos numa modalidade que só será leccionada no final do ano lectivo pois, até à sua abordagem, os alunos já terão passado por novas experiências motoras que lhes permitiram melhorar as suas capacidades físicas e adquirir novos tipo de *skills* úteis para solucionar problemas encontrados em certas práticas desportivas, como é o exemplo do *transfer* existente entre os desportos colectivos (ocupação racional do espaço, enquadramento...).

No decorrer da unidade didáctica de Basquetebol, mais precisamente na penúltima semana da sua abordagem, a professora estagiária optou, em conjunto com o professor orientador, por retirar a abordagem da matéria de Orientação do planeamento, devido aos alunos não estarem a alcançar os objectivos propostos e necessitarem de mais tempo. Uma vez que estavam programadas apenas três semanas para a matéria de Orientação, não fazia sentido apenas diminuir a sua abordagem de forma a dar mais uma semana à matéria de Basquetebol, sendo preferível não a abordar, ficando a unidade didáctica final de Basquetebol com oito semanas de abordagem.

Após definir a duração das unidades didácticas individualmente, o Núcleo de Estágio optou por aumentar a duração da abordagem à matéria de Voleibol (sete semanas), como forma de promover e motivar os alunos para a actividade “Torneio de Voleibol 2 x 2” que se iria realizar na primeira semana de aula após a interrupção lectiva do Carnaval. Daqui resultou outra decisão, tendo de se retirar do planeamento a abordagem conjunta das matérias de Ginástica e Badminton, passando a constar apenas

Ginástica pois o tempo restante de quatro semanas era demasiado curto para duas unidades didácticas.

Algumas opções tomadas no decorrer do processo de ensino – aprendizagem, nomeadamente as decisões de ajustamento relativas ao planeamento anual, das unidades didácticas e das aulas foram apresentadas mais pormenorizada e justificadas anteriormente no sub-ponto “ Decisões de Ajustamento”.

Ao longo do ano lectivo e após a análise dos dados da Avaliação Diagnóstica, ficou claro para a professora estagiária que havia matérias onde a heterogeneidade da turma era um factor, que poderia ser, negativo ao nível do sucesso do processo de ensino – aprendizagem. Logo, tornou-se necessário, sempre que possível, fazer uma diferenciação pedagógica.

Assim, a professora estagiária optou por nas unidades didácticas de Natação e Andebol dividir os alunos de acordo com o seu nível de execução, havendo dois grupos de nível, um com os alunos com mais dificuldades (nível não introdutório) e um outro grupo constituído pelos restantes alunos com menos dificuldades (nível introdutório e elementar). A opção de integrar no grupo mais avançado os dois níveis deveu-se ao facto de a professora estagiária considerar que seria mais benéfico para os alunos de nível introdutório estar com colegas de um nível mais avançado, podendo ajudar e estimular os colegas, não sendo a diferença entre eles tão notória que exigisse um trabalho mais personalizado e a um ritmo diferente. Logo, durante as aulas os alunos tinham tarefas diferentes e consequentemente os objectivos finais a alcançar também eram diferentes, sendo adequados às suas necessidades e ritmos de trabalho dos alunos. Embora na unidade didáctica de Andebol, o trabalho diferenciado existiu apenas na abordagem táctica, através de situações tácticas e de jogo reduzido mais simplificadas que o grupo mais avançado, não sendo necessário tal diferenciação ao nível técnico.

No entanto, nem sempre foi possível aplicar este tipo de trabalho ou a professora estagiária não considerou necessário, como é o caso das unidades didácticas de Basquetebol, Voleibol e Ginástica. Aqui a professora estagiária optou por trabalhar através de grupos heterogéneos, fazendo uma distribuição racional dos alunos mais avançados e dos com mais dificuldades pelos diferentes grupos de trabalho. Através de grupos heterogéneos pretendia-se promover motivação e cooperação entre os alunos, de modo a que os que tinham mais dificuldades fossem ajudados pelos colegas com menos

dificuldades (utilização dos alunos como agentes de ensino). Esta estratégia funcionou muito bem, sendo evidente a responsabilidade dos alunos para com o desempenho e segurança dos colegas, resultando assim, na sua evolução. Dá-se o exemplo da unidade didáctica de Voleibol, onde no trabalho a pares, a professora estagiária juntou níveis de alunos “opostos”, havendo altos níveis de trabalho cooperativo e de ajuda entre os dois elementos de cada grupo, ao ajudarem o colega e corrigindo a sua prestação, fornecendo-lhes igualmente *feedbacks* positivos, de forma a melhorarem o seu desempenho.

2.4. Conhecimentos adquiridos

Os conhecimentos adquiridos no decorrer do Estágio Pedagógico constituem uma mais-valia para o futuro desempenhar da profissão docente por parte da professora estagiária. Assim, esta considera estar mais bem preparada e dotada de técnicas e estratégias de actuação para uma melhor condução do processo de ensino – aprendizagem e para levar o conhecimento dos seus alunos a “bom porto”.

Para tal, foi essencial o conhecimento e *feedback* do professor orientador, que tudo fez para a professora estagiária evoluísse enquanto professora.

O planeamento compôs a competência profissional a desenvolver mais trabalhosa e exigente, no entanto foi também uma competência onde foram adquiridos mais conhecimentos. A professora estagiária considerava ter adquirido algumas bases teóricas deste processo, nomeadamente através da formação no primeiro ano do Curso de Mestrado, no entanto, da teoria à prática real há uma grande diferença. Assim, considera-se que os conhecimentos adquiridos a um nível geral foram mais práticos do que teóricos, completando os já existentes.

Ao desenvolver-se esta competência profissional, os conhecimentos adquiridos pela professora estagiária foram na elaboração do plano anual e das unidades didácticas, ao tomar consciência da importância do estudo de todo o contexto em que o ensino vai ocorrer; da relação directa que todos os documentos têm que ter, ao convergir para um mesmo fim, o sucesso do ensino – aprendizagem; e selecção e definição dos conteúdos, objectivos e estratégias adequadas. No entanto, este último ponto tornou-se mais complicado do que parecia pois os objectivos propostos têm que ser sempre realistas e

adequados ao contexto da turma, não se idealizando algo “bonito” de se atingir e sim, o que pôde ser realmente exequível. Assim, a professora estagiária ficou consciencializada para a importância do uso da Avaliação Diagnóstica no planeamento específico das unidades didácticas. O planeamento deve ser realmente realizado e utilizado para orientar a acção do professor, sendo essencial para uma boa condução do ensino, não devendo o professor construir um planeamento assente em aulas individuais.

De todas as actividades de planeamento, a construção do Plano de Aula era na qual a professora estagiária tinha mais conhecimentos, no entanto, muitos mais foram adquiridos sendo capaz de, neste momento, construir um Plano de Aula exequível e com toda a informação necessária. Sendo a maior evolução na selecção e organização dos exercícios mais adequados aos objectivos propostos, para a aula e finais, e ao nível dos alunos, bem como na definição do tempo de exercitação de cada tarefa pois é importante ter um certo tempo de exercitação, de modo a que não seja curto demais ou demasiado longo levando à diminuição do empenho dos alunos e sua motivação, diminuindo assim, a dinâmica da aula.

Considera-se que a professora estagiária conseguiu alcançar os objectivos estabelecidos para a competência de realização, havendo alguns aspectos a aperfeiçoar. Também ao nível do desenvolvimento desta competência a prática pedagógica supervisionada tornou-se essencial, não podendo os muitos conhecimentos resultantes da mesma ser substituídos por qualquer teoria. Assim, os principais conhecimentos adquiridos com a prática pedagógica foram, ao nível da instrução: domínio do correcto uso do *feedback* (formas, pertinência e qualidade), sendo muito importante para o acompanhamento do desempenho dos alunos; necessidade de estar sempre atenta e constantemente a fornecer informação ao aluno sobre a sua prestação; importância do uso do reforço positivo, como estratégia motivacional e de melhoria do desempenho do aluno; importância da demonstração das tarefas, sendo preferível o uso dos alunos para tal, para que a professora consiga manter o controlo da turma e acompanhar a demonstração de *feedback*; importância e como utilizar os meios auxiliares gráficos, sendo estes excelentes auxiliares do processo de ensino quando correctamente realizados.

A professora estagiária conseguiu alcançar o objectivo de comunicar e intervir no processo de ensino – aprendizagem de forma apropriada e objectiva, tornando-se

mais eficaz nas suas instruções e intervenções. Daqui resultou também a capacidade de otimizar o tempo de aula (dimensão de gestão) para um melhor potencial de aprendizagem possível, tendo intervenções pertinentes e objectivas. Relativamente à organização da aula, a professora estagiária desenvolveu estratégias que lhe permitissem promover ao máximo as aprendizagens dos alunos e maximizar o empenho motor dos mesmos. Quanto ao clima e disciplina, a professora estagiária conseguiu manter sempre um bom clima, tentando que este fosse motivador e estimulante para os alunos, e desenvolveu estratégias de controlo da turma, ao adoptar algumas estratégias preventivas de comportamentos indisciplinados.

Ao nível das competências de avaliação, considera-se que mais uma vez a professora estagiária tinha já conhecimentos teóricos sobre a matéria mas, neste caso, não sabia como os aplicar de forma a tornar a avaliação dos alunos um processo neutro e justo. Assim, os principais conhecimentos adquiridos com a prática pedagógica foram a definição e selecção correcta dos tipos de avaliação a usar, tendo em conta as necessidades específicas dos alunos, determinação dos critérios e parâmetros de avaliação, aplicação da avaliação nos alunos (formas de execução no espaço de aula) e manutenção do processo de avaliação como um processo neutro e justo para todos, sendo adequado a cada turma. Quanto aos critérios e parâmetro de avaliação, estes têm que ser bem definidos e discriminados em relação a cada aluno, sendo também importante que o aluno os conheça de forma a saber quais as metas a atingir na sua aprendizagem. Com isto também tomou consciência que através da avaliação dos alunos, pode avaliar o seu próprio trabalho e tirar ensinamentos para futuras actuações, como por exemplo adaptar melhor os objectivos propostos.

Considera-se que a professora estagiária será capaz de aplicar e realizar a avaliação dos seus alunos, no futuro, com o máximo de responsabilidade e rigor.

A professora estagiária, relativamente às competências ético-profissionais, adoptou sempre uma atitude assertiva e pró-activa, tendo desenvolvido de forma satisfatória as competências previstas, ao estar sempre pronta a trabalhar e disponível para todos, interessada pelo processo de ensino. Assim, revelou capacidade de compromisso para com as aprendizagens, responsabilidade, pontualidade e disponibilidade. O conhecimento resultante mais significativo foi o desenvolvimento da capacidade reflexiva e análise crítica do trabalho e prática pedagógica pessoal e dos seus colegas.

2.5. Avaliação de processos e produtos

O processo de avaliação deve ser encarado pelo professor como um processo que pretende acompanhar o aluno, ao longo do seu processo de aprendizagem, identificando os objectivos alcançados e com o propósito de encontrar as melhores soluções para as dificuldades sentidas pelos alunos, possibilitando a reformulação e reajustamento do ensino e, conseqüentemente, aumentar a sua qualidade. Assim, deve-se avaliar o processo de aprendizagem e não apenas os produtos finais dos alunos (Boggino, 2009), com vista a uma regulação dos processos de aprendizagem.

Segundo Boggino (2009: pp. 81) “a avaliação constitui uma estratégia de ensino que pode facilitar ou obstruir o processo de aprendizagem”. Assim, é importante ter em atenção os fins que lhe são atribuídos, a regulação dos processos de ensino – aprendizagem, certificação das aprendizagens..., pois o professor deve aspirar à avaliação como uma estratégia de ensino que facilite o processo de aprendizagem. Em concordância, na avaliação, a professora estagiária teve sempre em consideração a forma de progressão do aluno e não apenas o produto final da sua aprendizagem.

Para a definição dos objectivos propostos a alcançar, selecção de conteúdos a abordar e elaboração da extensão e sequência desses conteúdos, aquando do planeamento de uma determinada matéria, a professora estagiária teve em conta os dados recolhidos sobre os conhecimentos prévios dos seus alunos, situando-os nessa matéria, através da Avaliação Diagnóstica. Assim, tornou-se possível adequar o processo de ensino às necessidades específicas dos alunos, ao estabelecer-se objectivos realistas e adequados às suas necessidades, respeitando também os seus diferentes ritmos de aprendizagem.

Importa notar, que contudo os processos e as estratégias adoptados poderiam não surtir o efeito desejado, sendo necessárias novas adaptações e melhoria da acção pedagógica para que se conseguisse o sucesso do aluno.

O sucesso dos alunos depende muito do planeamento do ensino e da condução do ensino por parte do professor mas sem empenho e motivação por parte dos alunos (factor chave), torna-se muito complicado que o aluno consiga realizar aprendizagens significativas. Assim, foi preocupação geral da professora estagiária, ao longo de todo o

ano lectivo, promover a maior motivação possível, para que os seus alunos se sentissem estimulados e se empenhassem na sua aprendizagem, através da adopção de variadas estratégias.

Toda a actuação da professora estagiária se voltou para o sucesso dos seus alunos, nos diferentes domínios da aprendizagem. No entanto, nem sempre as atitudes dos alunos possibilitaram o maior sucesso possível, havendo casos claros de alunos que, ao mudarem a sua atitude face à escola, poderiam alcançar níveis de sucesso mais altos pois tinham capacidades e competências para tal.

Uma outra forma de actuação foi a aplicação da Diferenciação Pedagógica, sempre que era possível, pois os alunos com mais dificuldades normalmente precisam de um acompanhamento mais individual para além de objectivos adaptados a si próprios. Mas, infelizmente, nem sempre foi possível realizar tal prática pois as turmas são muito grandes e os espaços de aula também não estão adaptados para estas práticas pedagógicas. Em jeito de coincidência, nas unidades didácticas em que era impreterivelmente necessário este tipo de trabalho, Natação e Andebol, os espaços de aula possibilitaram esta prática, sendo os resultados dos alunos muito bons, essencialmente na unidade didáctica de Andebol.

Pode-se, assim, afirmar que todos os alunos evoluíram ao longo das várias unidades didácticas e em todos os domínios da aprendizagem, uns mais do que outros e de acordo com as suas dificuldades iniciais e com os seus ritmos de aprendizagem. No entanto, as evoluções dos alunos não permitiram que muitos progredissem de nível de desempenho, tendo dentro do seu próprio nível evoluído. Importa notar, que aquando da Avaliação Diagnóstica, em muitas matérias, os alunos encontravam-se no nível introdutório, havendo dentro desse nível vários níveis de desempenho.

Considera-se então, que os processos de ensino e as estratégias adoptados pela professora estagiária foram adequados e provocaram a aprendizagem dos alunos, sendo alcançados os objectivos propostos para as unidades didácticas. A unidade didáctica onde houve mais evolução foi na de Andebol, sendo inclusive necessários reajustamentos dos objectivos terminais, tornando-os mais ambiciosos pois os alunos estavam a responder muito bem aos estímulos. Também importa notar que apesar da actuação da professora estagiária ter surtido resultados, estes não foram todos da mesma dimensão pois, como referido anteriormente, há uma necessidade de um ensino mais

individual uma vez que todos os alunos são diferentes, apesar de estarem numa mesma turma e que é vista como um todo. Assim, a professora estagiária considera que, futuramente, é necessário aplicar melhor as suas estratégias ao promover de uma forma mais eficaz e quanto possível a individualização do ensino.

3. REFLEXÃO

3.1. Aprendizagens realizadas

As principais aprendizagens realizadas pela professora estagiária, nas mais diversas competências, foram a aquisição e aprofundamento dos conhecimentos, de um modo geral, e o desenvolvimento de uma atitude reflexiva e crítica.

Assim, o planeamento e a sua realização demonstraram-se trabalhosos para a professora estagiária, no entanto, esta considera ter adquirido bases teóricas e práticas fundamentais, sendo capaz de realizar, futuramente, o trabalho abrangido nesta competência com muita mais facilidade e eficácia. A professora estagiária tomou consciência da importância da análise do meio escolar em que os seus alunos estão inseridos (contexto, recursos, ...), bem como das características da própria turma tanto a nível social como da prática desportiva (níveis de desempenho dos alunos – Avaliação Diagnóstica), para a elaboração de um planeamento adequado e realista para a turma, pois não faz sentido planear-se atingir o impossível ou o que se gostava. É necessário assim, analisar as indicações programáticas e cruzá-las com informações sobre os alunos, traçando metas exequíveis. A inter-ligação de todos os documentos de planeamento tem de estar bem definida, pois não se pode encarar o processo de ensino – aprendizagem como algo baseado em formas isoladas ou inexistentes de planeamento, desde o Plano Anual ao Plano de Aula de uma determinada unidade didáctica.

Para alcançar o sucesso do ensino – aprendizagem, a professora estagiária teve que adequar o processo de ensino aos alunos e não os alunos que se adaptassem a ele, sendo para isso importante que na selecção e definição dos conteúdos a abordar, objectivos a atingir e estratégias a usar, se tivesse em consideração as dificuldades e necessidades específicas dos alunos e as suas potencialidades. A noção prática da flexibilidade do planeamento foi, igualmente, percebida sendo fundamental que a professora estagiária fosse capaz de, em qualquer altura, adaptar ou reajustar o seu planeamento de acordo com a evolução dos seus alunos ou surgimento de novas dificuldades. Para tal, torna-se importante o conceito e a direcção que cada professor dá à avaliação dos seus alunos, sendo assim, essencial que a use para regular e reajustar o processo de ensino – aprendizagem.

O planeamento do ensino foi realizado com a intenção de orientar a acção da professora estagiária, sendo este essencial para uma boa condução do ensino. A

elaboração das unidades didácticas e dos Planos de Aula mostraram-se muito proveitosas pois consegue-se construir um manual prático de consulta e facilitador da acção pedagógica. Ainda relativamente aos Planos de Aula, a professora estagiária conseguiu desenvolver competência para construir um Plano de Aula exequível e realista, conseguindo dosear o nível de “optimismo”. Também esse documento constituiu uma boa linha orientadora, ao conter toda a informação necessária a uma boa organização e condução de aula. A selecção e organização/gestão dos exercícios mais adequados aos objectivos propostos foi uma competência desenvolvida, sendo a professora estagiária capaz de realizar melhores escolhas de forma a promover o sucesso e a motivação dos seus alunos.

As aprendizagens realizadas ao nível da intervenção pedagógica foram muitas e fundamentais para a construção de uma boa professora, tendo contribuído directamente para tal a supervisão da prática pedagógica. A professora estagiária conseguiu desenvolver competências para uma instrução eficaz, sendo capaz de seleccionar e transmitir a informação mais importante para o aluno realizar a tarefa, fornecer de forma correcta e pertinente o *feedback*, tendo melhorado muito a sua qualidade. O acompanhamento activo do desempenho dos alunos, não só estar a observar a sua execução mas também o intervir pedagogicamente sobre ela é fundamental, pois há a necessidade do aluno ser orientado e conduzido pelo professor, de uma forma correcta na sua aprendizagem. O reforço positivo e o *feedback* positivo devem ser preferidos ao negativo, tendo sido uma motivação, por parte da professora estagiários para os seus alunos, ao reconhecer o seu esforço e as suas melhorias. A professora estagiária consciencializou-se e familiarizou-se com o uso da demonstração das tarefas, constituindo um instrumento complementar e fundamental à instrução, pois “uma imagem é melhor que mil palavras”. No entanto, prefere-se o uso de um aluno para demonstrar, ficando a professora estagiária disponível para completar essa execução com indicações e *feedbacks* práticos para os restantes alunos, associado ao benefício de não se perder o controlo da turma. Outra forma de complemento da instrução e de fácil utilização pelos alunos é o recurso a meios auxiliares gráficos, sendo estes excelentes auxiliares do processo de ensino - aprendizagem quando correctamente realizados e utilizados.

A professora estagiária considera-se capaz de comunicar e intervir junto do aluno de uma forma eficaz e objectiva, tendo desenvolvido uma boa capacidade de

circulação pelo espaço e de gestão do tempo de aula, maximizando o empenho motor dos alunos e o potencial de aprendizagem. Na organização das suas aulas, a professora estagiária desenvolveu técnicas e estratégias de promoção de aprendizagens, pretendendo que estas fossem significativas e que privilegiem o empenho motor dos mesmos. O recurso a um mesmo leque de exercícios, não se introduzindo algo novo todas as aulas, também permitem uma boa gestão do tempo e controlo da turma, pois os alunos já sabem o que e como fazer, tornando as instruções curtas e objectivas. O clima de aula gerado é muito importante para a aprendizagem, contribuindo para isso também a disciplina, pelo que a professora estagiária esforçou-se por manter sempre um bom clima e propício às melhores aprendizagens dos alunos, ao ser motivador e calmo. O estabelecimento de disciplina é essencial para um bom controlo da turma, tendo sido necessário desenvolver-se estratégias de controlo da turma, sendo para isso fundamental um bom posicionamento e visão da turma na sua globalidade, e de prevenção de comportamentos inapropriados, ao se estabelecer rotinas, regras de actuação e organização de grupos pela professora estagiária.

Ao nível das competências de avaliação, a professora estagiária tornou-se capaz de aplicar correctamente os diversos tipos de avaliação e como um processo neutro e justo, assumindo responsabilidade e rigor perante o mesmo. Saber seleccionar os tipos de avaliação a usar, tendo sempre em conta as necessidades específicas dos alunos, foi fundamental para que a avaliação servisse para muito mais do que simplesmente classificar. É assim, importante uma correcta determinação dos critérios e parâmetros de avaliação, definindo-os e descrevendo-os de forma discriminada em relação ao aluno, bem como dar a conhecer ao aluno como e onde será avaliado, possibilitando-lhe estabelecer e saber quais as metas a atingir. A professora estagiária desenvolveu uma consciência crítica de como aplicar a avaliação, considerando fundamental que esta seja realizada num ambiente normal e igual ao conhecido nas restantes aulas, e que os seus resultados não sirvam unicamente para atribuição de sucesso e insucesso, pois é preciso saber onde se falhou e o que há a melhorar para que sejam realizadas aprendizagens significativas. Assim, com a avaliação pode também avaliar o processo de ensino e melhorar as suas futuras actuações, como por exemplo adaptar melhor os objectivos propostos ao realizar diferenciação pedagógica (níveis de desempenho).

A professora estagiária tornou-se uma profissional mais competente e consciente na sua área de actuação, adquirindo também competências ético-profissionais que a

tornam uma profissional humana e interessada pelos alunos. É importante ser-se interessado e mostrar que aquilo que o aluno pensa ou sente é relevante, assumindo-se um compromisso para com as suas aprendizagens e sucessos. O desenvolvimento de uma atitude reflexiva e crítica muito contribuem para que se seja um profissional consciente e eficaz, que saiba criticar a sua actuação e acção de modo a evoluir enquanto professor ao melhor a sua intervenção e contribuição no processo de ensino - aprendizagem.

3.2. Compromisso com as aprendizagens dos alunos

Na aldeia global dos nossos dias, considera-se que o professor actual deixou de ser visto como um mero transmissor de conhecimentos, passando, assim, a orientar e estimular os seus alunos no decorrer do processo de ensino – aprendizagem. O compromisso do professor com as aprendizagens e formação do aluno é fundamental pois o professor é o mediador do ensino.

Ao comprometer-se com as aprendizagens e com o sucesso dos seus alunos, a professora estagiária não se limitou a chegar a horas, estar presente em todas as aulas e debitar matéria. Esta comprometeu-se, igualmente, com a sua própria aprendizagem, pois o ensino depende dela e dos seus conhecimentos, sendo fundamental o domínio da própria matéria, desenvolver competências profissionais e adoptar uma atitude ética, de forma a produzir efeitos visíveis no processo de aprendizagem dos seus alunos.

A estimulação da motivação dos alunos, também é essencial para o sucesso dos mesmos, pois se o aluno não estiver motivado e empenhado na aula, o professor muito dificilmente vai conseguir que este realize aprendizagens significativas. Assim, a motivação muito contribui para o sucesso sendo outro ponto das “tarefas do compromisso”.

A professora estagiária pretendeu sempre mostrar-se competente na sua actuação, com pleno domínio das matérias, dando oportunidade aos alunos de questionar o porquê das coisas, e intervir no processo de ensino – aprendizagem de uma forma eficaz e eficiente, apresentando sempre os objectivos para cada conteúdo, componentes críticas e critérios de êxito, e acompanhando a prática de forma activa, circulando e fornecendo *feedbacks* ao aluno. Um professor que frequentemente se ausenta do espaço de aula, apresente a tarefa e fique sentado a “ver” os alunos, sem

intervir no seu desempenho, não está claramente comprometido com a aprendizagem dos seus alunos.

Considera-se que a adequação da metodologia de ensino, de acordo com as características específicas dos alunos, é fundamental ao assumir-se este compromisso. Assim, os professores necessitam de reconhecer a individualidade e as necessidades específicas dos alunos, de forma a alcançarem o sucesso das suas aprendizagens. Todos os alunos são diferentes e têm capacidades e conhecimentos diferentes, logo o professor ao diferenciar o ensino e assumir uma atitude inclusiva, está a potenciar a aquisição e desenvolvimento de novos conhecimentos e do aluno em si. Outro exemplo deste reconhecimento é o uso da avaliação para a reorientação da prática pedagógica e para a evolução do aluno e não só para o que ele aprendeu ou não.

3.3. Importância do trabalho individual e de grupo

Ao longo do seu desenvolvimento profissional, o professor deve ser capaz de trabalhar individualmente e em grupo, sendo estes dois elementos partes integrantes deste desenvolvimento (Ponte, 1998).

No decorrer do ano lectivo, o trabalho de grupo foi uma forma de trabalho muito desenvolvida pelo Núcleo de Estágio a todos os níveis, sendo bastante incentivada pelo professor orientador. No entanto, não menos importante, o trabalho individual também foi essencial para a formação da professora estagiária pois a sua formação é da sua “inteira e total responsabilidade” (Ponte, 1998). Isto é, o Estágio Pedagógico e os professores orientadores forneceram-lhe “instrumentos e meios” para que pudesse alcançar os melhores conhecimentos e competências profissionais mas coube-lhe a ela intervir directamente na sua formação e agir de acordo com isso, ao definir os seus objectivos pessoais em relação ao estágio, reflectir sobre a sua prática pedagógica e sua aprendizagem, e sobre as suas necessidades, trabalhando para ir ao encontro delas.

Considera-se que quando se trabalhava em grupo, o resultado final era muito maior do que um somatório das ideias individuais dos professores estagiários. Assim, os professores estagiários tentaram criar sempre um bom ambiente de forma a trabalharem bem em grupo, fazendo descobertas e solucionando os mais diversos problemas, inclusive da prática pedagógica, em grupo e como um todo.

Assim, a cooperação e colaboração entre estagiários era promovida não só na elaboração de documentos mas também aquando da reflexão do trabalho realizado individualmente ou partilha de preocupações, dificuldades e conhecimentos, tentando encontrar em conjunto soluções adequadas a cada questão, quer fossem de cariz individual ou grupal.

Desde cedo tentou-se exprimir-se sempre as opiniões sinceras individuais de cada professor estagiário, não havendo o medo de dar o feedback ao colega, fosse positivo ou negativo. Saber associar-se, interagir, trabalhar e produzir em grupo, eram competências esperadas e atingidas pela professora estagiária pois são competências fundamentais para o futuro desempenho da profissão.

Concluiu-se que estas práticas de trabalho facilitaram e melhoraram as aprendizagens de cada membro deste Núcleo, adquirindo-se muitos mais conhecimentos e diferentes perspectivas do que apenas com o trabalho individual.

3.4. Capacidade de iniciativa e responsabilidade

As capacidades de iniciativa e responsabilidade foram competências incentivadas e desenvolvidas desde início no seio do Núcleo. Assim, o professor orientador fomentava a nossa capacidade de assumir decisões fundamentais ou arranjar soluções para diversos problemas ou prevenindo-os, tendo os estagiários a liberdade de sugerir qualquer melhoria ou práticas inovadoras tanto para a escola como para o processo de ensino – aprendizagem.

A professora estagiária revelou sempre sentido de responsabilidade, ao respeitar e cumprir os compromissos assumidos com os demais intervenientes do ambiente escolar, cumprindo as exigências inerentes à escola e ao estágio. Considera-se que o professor orientador ao dar independência aos estagiários para tomar qualquer decisão relativamente à prática pedagógica, aumentou em muito a responsabilidade de cada um, pois as práticas pedagógicas desenvolveram-se como se a professora estagiária fosse efectivamente a professora da turma, participando em todas as tarefas que essa função exigia, desde reuniões de Conselho de Turma, à redacção de participações disciplinares e obtenção das classificações finais de período e ano. Note-se que, obviamente, todas as decisões tinham que ser apresentadas e justificadas ao professor orientador.

Os professores estagiários foram reconhecidos e aceites no grupo de Educação Física como professores iguais a si próprios, acarretando todas as responsabilidades, direitos e deveres que esta acção implicava. Assim, também lhes foi possível apresentar qualquer sugestão ou participar na discussão da problematização que o grupo examinava.

Os professores estagiários do Núcleo de Estagio da Escola Secundária da Lousã tomaram a iniciativa de, aquando da preparação da actividade “Torneio de Voleibol 2 x 2” que era da sua responsabilidade, propor alterações a nível do material de montagem das redes à Câmara Municipal da Lousã, proprietária do Pavilhão Gimnodesportivo onde são leccionadas as aulas de Educação Física. Assim, propôs-se a instalação de suportes de fixação de redes, um conjunto para cada espaço de aula, de forma a se puderem montar seis campos reduzidos de voleibol para o torneio, tendo a entidade responsável correspondido ao nosso pedido ao instalar os suportes no início do mês de Fevereiro.

Esta iniciativa não se limitava para uso exclusivo do torneio, tendo facilitado em muito a montagem das redes para as aulas de Educação Física, conseguindo-se montar três campos longitudinais reduzidos e fixá-las correctamente para que não fossem “afrouxando” com o decorrer da aula e com os movimentos dos alunos de encontro às mesmas. Também, a nível da preparação do material e segurança foram muito úteis, reduzindo o número de bases móveis a deslocar para fixação das redes para duas e tornando a aula mais segura, pois as bases eram extremamente instáveis e inadequadas para promover o maior nível de segurança possível.

A professora estagiária teve ainda, a iniciativa de, uma vez que o desenvolvimento profissional para além da formação inicial é da sua inteira responsabilidade, procurar desde início desenvolver competências de auto-formação, nomeadamente através de pesquisa bibliográfica e posteriormente de observação de mais aulas dos seus colegas nas matérias em que sentiu mais dificuldades. Este compromisso potenciou a sua aprendizagem e desempenho, bem como a dos alunos, ao aumentar a sua segurança na transmissão de conhecimentos e o domínio das matérias.

3.5. Dificuldades sentidas e formas de resolução

As dificuldades sentidas pela professora estagiária foram, ao longo deste documento, sendo expostas como forma de análise e descrição do seu trabalho. Neste ponto, pretende-se analisá-las de uma forma mais detalhada, bem como as suas formas de resolução. Assim, a professora estagiária considera que as dificuldades sentidas foram essencialmente ao nível do planeamento das aulas (exercícios) e da sua actuação no contexto da sala de aula, reportando-se aos alunos, ao conhecimento limitado de algumas matérias e à sua intervenção pedagógica.

Em termos de planeamento, a maior dificuldade sentida pela professora estagiária foi na elaboração do plano de cada aula através de uma correcta selecção e organização de exercícios adequados aos objectivos propostos e aos níveis dos alunos, bem como o seu tempo de exercitação. Para solucionar este problema recorreu pesquisa bibliográfica de conteúdos e exercícios, analisando qual servia melhor os objectivos, e à experiência do professor orientador, que ajudava com indicações e, por vezes, mesmo com exercícios.

Inicialmente, as instruções da professora estagiária eram por vezes pouco objectivas e demoradas, evidenciando-se alguma falta de segurança e algumas dificuldades em seleccionar as informações mais importantes a transmitir aos alunos (componentes críticas e critérios de êxito das tarefas). Assim, intimamente relacionada com os dois aspectos anteriores, outra dificuldade dizia respeito às diversas matérias, pois existiam matérias de menor domínio do que outras, como era o caso da Natação e do Andebol. Posto isto, a professora estagiária, no decorrer do seu estágio, privilegiou muito a auto-formação de forma a adquirir mais conhecimentos e confiança para a sua leccionação, ao recorrer não só à vasta bibliografia existente da área mas também aos seus colegas de estágio, através de uma troca de conhecimento e experiências entre estagiários e, também, entre os professores orientadores. A sua preparação para as aulas foi, também, completada pela frequência das aulas dos seus colegas, observando as suas escolhas, tendo todo o conjunto permitido preparar-lhe melhor a matéria a abordar ao longo de cada aula e abordá-la na aula com mais segurança e confiança, com instruções mais eficazes e objectivas.

Outra dificuldade inicial prendeu-se com a comunicação de forma audível e o fornecer de um maior número de *feedbacks*, completar o ciclo de *feedback*, intervindo de uma forma constante e activa, não se evidenciaram grandes dificuldades no

fornecimento do *feedback* individual, embora o *feedback* ao grupo ou colectivo, à distância, fosse mais intermitente. No entanto, com o decorrer das aulas foi melhorando a sua intervenção, fornecendo muitos mais *feedbacks* e fechando os ciclos, de uma forma audível, pertinente e adequada à situação. A reflexão realizada em conjunto, no final de cada aula, foi fundamental para a professora estagiária poder ter uma maior noção das suas dificuldades a este nível.

A professora estagiária, em algumas unidades didácticas, apresentava como principal dificuldade centrar-se demasiado nos grupos onde estava a intervir, perdendo por vezes a visão geral da turma. Tal facto devia-se também ao seu posicionamento não ser sempre o mais correcto, encontrando-se no meio dos grupos e de costas para um deles, por exemplo. Considera-se que esta dificuldade foi ultrapassada mas ainda há que melhorar muito neste aspecto, de forma a tornar o posicionamento correcto sempre constante na sua actuação.

O trabalho por níveis, Diferenciação Pedagógica, foi bastante desafiante, principalmente na primeira unidade didáctica onde foi utilizado – Natação, tendo a professora estagiária inicialmente dificuldades em conseguir controlar e acompanhar a prática de toda a turma, focalizando ao mesmo tempo mais atenção no grupo com mais dificuldades, pois cada grupo tinha exercícios e necessidades específicas diferentes. Uma estratégia utilizada foi parar individualmente cada pista para dar a sua instrução enquanto os outros ainda estavam a realizar, aumentando assim o tempo de prática e diminuindo o tempo de espera na instrução. Quanto ao acompanhamento da prática, nomeadamente na unidade didáctica de Natação, a professora estagiária optou por dar mais autonomia aos alunos mais avançados para que pudesse estar mais atenta às necessidades da primeira pista (grupo com mais dificuldades).

Uma dificuldade também persistente foi a falta de motivação dos seus alunos para algumas matérias, como a Ginástica, pois achavam-na aborrecida. Assim, a professora estagiária tentou adoptar estratégias que os motivassem como a introdução dos saltos de cavalo e de situações lúdicas no final das aulas, directamente relacionadas com os conteúdos da aula.

De um modo geral, a turma tinha um comportamento satisfatório e respeitador, havendo também um bom controlo da mesma, no entanto, houve dias em que os alunos vinham mais agitados das outras aulas por terem testes ou simplesmente porque vinham para a brincadeira, adoptando alguns comportamentos pouco apropriados. Assim, a

professora estagiária teve que adoptar algumas estratégias punitivas para esses comportamentos consoante a gravidade e também recorreu a estratégias preventivas, para que conseguisse evitar tais comportamentos. Essas estratégias consistiam em separar, pelos diferentes grupos de trabalho, os alunos mais agitados ou mal comportados, de modo a que não interagissem entre eles, tendo juntado a estes os alunos mais bem comportados e empenhados de modo a controlar as suas atitudes, e também o uso destes alunos como agentes de ensino, responsabilizando-os pelos colegas com mais dificuldades, pois os melhores alunos eram aqueles que de uma forma geral tinham os piores comportamentos. Esse sentimento de responsabilidade por alguém e pela sua aprendizagem resultou bastante bem no controlo da turma.

3.6. Dificuldades a resolver no futuro

Relativamente às dificuldades sentidas pela professora estagiária, ao longo do estágio, foram de uma forma geral ultrapassadas sendo a prática e a duração de um ano de estágio alguns factores fundamentais para essa evolução. No entanto, considera-se que há sempre o que melhorar até que as soluções encontradas sejam algo constante e coeso na actuação da professora estagiária nos mais diversos ambientes.

Assim, as principais dificuldades a resolver no futuro prendem-se ao nível da intervenção pedagógica – posicionamento e instrução. O bom posicionamento é fundamental para manter um bom controlo da turma e intervir de forma eficaz para todos. Assim, este aspecto deve ser melhorado uma vez que, a professora estagiária, considera que tem algumas dificuldades em se adaptar a espaços novos e organizações de espaço diferentes, sendo muito importante que, para que não condicione o exercício das suas funções futuramente, se prepare melhor antes das aulas e que ao longo destas avalie a sua prestação, para que rapidamente ultrapasse essas dificuldades.

Relativamente à sua instrução, esta deve focar-se em verificar sempre se a informação foi compreendida pelos alunos, adequando a sua linguagem de forma a ser clara e acessível. Não menos importante, é ter sempre em atenção a importância do *feedback* positivo, de forma a manter sempre os seus alunos motivados.

Conseguir captar a atenção dos alunos durante toda a aula, mantendo-os motivados e estimulados, também é uma dificuldade a melhorar.

3.7. Inovação nas práticas pedagógicas

A inovação da prática pedagógica constitui uma mudança discutida e assumida de forma consciente pelo professor, sendo incorporada na sua acção e que pretende melhorar a acção educativa. Assim, não se a pode assumir como uma simples mudança mas como um acto consciente e compromisso de mudança de forma a promover o processo de ensino – aprendizagem.

Todas as práticas de inovação pedagógica aplicadas pela professora estagiária tinham por principais objectivos melhorar e levar ao sucesso do processo de ensino – aprendizagem e motivar os alunos para as aulas de Educação Física, garantindo o seu empenhamento.

Assim, a professora estagiária optou por, sempre que possível, no aquecimento incluir uma componente lúdica pois considera que os jogos lúdicos, específicos relativamente aos conteúdos da aula, permitem uma familiarização dos alunos com esses conteúdos e constituem igualmente um factor motivacional. O aquecimento “tradicional”, ainda muito observado nas aulas de Educação Física, comparativamente ao lúdico, promove muito menos a motivação dos alunos e não pode ser considerado mais eficaz pois se as situações forem bem seleccionadas, tendo sempre em conta qual a natureza da modalidade, um “Jogo do Mata” ou “Jogo dos 10 Passes” promoverá uma boa activação do organismo, preparando para a prática, e específica, uma vez que inclui gestos específicos. No entanto, o professor tem que estar consciencializado, e consciencializar os seus alunos, que já nesta parte da aula pode começar logo a observar a execução dos mesmos fornecendo-lhes *feedbacks*, pois uma situação lúdica ou de jogo também tem uma componente educativa.

Segundo Grave-Resendes & Soares (2002) a Diferenciação Pedagógica “é a identificação e a resposta a uma variedade de capacidades de uma turma, de forma que os alunos, numa determinada aula não necessitem de estudar as mesmas coisas ao mesmo ritmo e sempre da mesma forma”.

Em concordância com as autoras, e rompendo com a prática comum de exercícios iguais para todos, a professora estagiária optou sempre que possível e que se considerava benéfico, nomeadamente nas unidades didácticas de Natação e Andebol, utilizar a Diferenciação Pedagógica ao dividir os alunos de acordo com os seus níveis de execução (grupos de níveis). Assim, durante as aulas eram propostas aos alunos tarefas

diferentes e adequadas a cada nível, tendo em conta os ritmos de aprendizagem, sendo também seleccionados e definidos conteúdos e objectivos finais a alcançar diferentes.

No que diz respeito à avaliação, a professora estagiária optou por, nas aulas de avaliação sumativa, respeitar sempre o mesmo formato das aulas de Educação Física. Assim, não era fomentada ou praticada uma avaliação individual e seriada dos alunos, com um aluno a ser avaliado e a professora estagiária, de grelha na mão e sentada, a avaliar a sua prestação enquanto os restantes alunos estão sentados. As aulas de avaliação sumativa assumiram um carácter de confirmação de algumas informações recolhidas ao longo de todo o processo de ensino aprendizagem, não sendo atribuído ao aluno uma classificação corresponde ao seu desempenho apenas naquela aula. Esta prática foi considerada pela professora estagiária como uma forma de tornar o processo de avaliação mais justo e neutro para todos, não se beneficiando ou prejudicando alunos que, por sorte/azar, realizaram uma boa ou má prestação naquela aula, não traduzindo essa prestação os verdadeiros conhecimentos e evolução do aluno.

O uso de meios auxiliares gráficos também foi uma prática realizada pela professora estagiária nas unidades didácticas de Ginástica e Atletismo, apresentando aos alunos um instrumento alternativo às suas constantes necessidades de informação. Assim, estes foram elaborados tendo em conta as componentes críticas de cada elemento e suas formas de ajuda, no caso da Ginástica, e complementados com uma imagem do gesto. Também foram realizados outros com a descrição das tarefas a realizar em cada estação bem como com uma imagem da realização da tarefa. Considera-se que o seu uso permitiu à professora estagiária um melhor acompanhamento e controlo dos alunos pois estes recorriam aos meios auxiliares quando tinham alguma dúvida, nas componentes críticas e critérios de êxito, ou na rotação das estações para confirmar o que era pretendido realizar na mesma.

3.8. Impacto do estágio na realidade do contexto escolar

O impacto que o estágio tem na realidade do contexto escolar, depende em grande escala do esforço dos estagiários em marcar a diferença e ao se afirmarem como elementos activos no âmbito escolar e do processo de ensino – aprendizagem. A importância e a visão que a escola dá ao próprio Núcleo também são muito importantes,

pois sem colaboração da direcção, dos professores, dos funcionários e dos alunos, o efeito da acção do estágio é pouco significativo.

A disponibilidade e a responsabilidade dos professores estagiários para ajudar e perante a escola foi notória, aceitando de bom grado ou, mesmo, tomando a iniciativa de realizar qualquer tarefa. Assim, os professores estagiários eram vistos aos olhos de qualquer professor como um bom contributo para a escola e para o grupo, podendo contar sempre com eles e em qualquer ocasião. Note-se por exemplo a disponibilidade impar da professora estagiária em relação à sua função de assessora da Directora de Turma da turma a que leccionava, ao realizar qualquer tipo de função ou tarefa durante todo o ano de estágio.

O impacto do estágio também se sentiu ao nível das turmas atribuídas aos professores estagiários, nomeadamente a turma B. Considera-se que esta turma beneficiou bastante em ter uma professora estagiária, não só pelas suas práticas mais inovadoras de ensino, mas também, por a professora estagiária desempenhar a sua função de assessora à Directora de Turma da mesma. Tal, proporcionou que a professora estagiária tivesse um melhor conhecimento da realidade da turma e dos seus problemas individuais, podendo também intervir no âmbito da sua disciplina, ao estar sempre disponível para os alunos e ao mostrar-se sempre interessada para conversar sobre qualquer problema.

Outro contributo dos professores estagiários para a escola, nomeadamente para a melhoria das condições das aulas de Educação Física foi a solicitação à Câmara Municipal da Lousã para a instalação de suportes de fixação de redes como apresentado no ponto “Capacidade de Iniciativa e Responsabilidade” desta reflexão.

Os alunos do Curso Tecnológico de Desporto da Escola Secundária da Lousã foram bastante beneficiados com o decorrer do Estágio Pedagógico naquela escola. Desde início, que foi pedido pelo Coordenador do Curso que os professores estagiários ajudassem na formação destes alunos, ao estarem sempre disponíveis para os ajudar em qualquer dúvida ou mesmo a os integrar nas suas actividades. Assim, considera-se que os professores estagiários conseguiram marcar a diferença no seu processo de formação, partilhando conhecimentos adquiridos, dando indicações para elaborações de trabalhos, ajudando a solucionar alguns problemas e fornecendo *feedback* sobre as suas actividades e prestações.

As duas actividades realizadas no âmbito da unidade curricular de Projecto e Parcerias Educativas, mas que estavam directamente ligadas com o Estágio Pedagógico, também surtiram impacto na realidade do contexto escolar, ao promover a prática de actividades desportivas a todos os intervenientes do meio (professores, alunos e funcionários). O facto de terem sido realizadas em momentos estratégicos do ano e de promoverem a aprendizagem e novas experiências, únicas e enriquecedoras, foi importante, tendo impacto na comunidade estudantil, contribuindo igualmente para o reconhecimento do Núcleo de Estágio, como um grupo de trabalho composto por pessoas competentes e capazes.

3.9. Questões dilemáticas

Uma questão importante e dilemática do processo de ensino – aprendizagem prende-se com o conceito de avaliação e sua aplicação. Considera-se que avaliação dita tradicional, que tantas vezes a professora estagiária observou nas aulas de outros colegas do grupo de Educação Física da escola, não traz quaisquer benefícios para o processo de aprendizagem do aluno. Perrenoud (2001) citado por Almeida (2008), afirma que “a avaliação tradicional, além de produzir fracasso, empobrece o processo de ensino – aprendizagem, induzindo os professores a utilizarem didácticas conservadoras”.

Assim, muitas vezes os professores preocupam-se em apenas averiguar quem aprendeu e quem não aprendeu, dependendo a avaliação do desempenho dos alunos em momentos específicos ao longo do ano (aulas de avaliação), sendo estes momentos as únicas fontes de informação dessa avaliação. A avaliação é pontual e classificativa, sendo a avaliação e a classificação da máxima importância para os alunos e pais (Arends, 1995). Importa entender, que não podem ser empregues com um mesmo significado, pois são conceitos distintos. A informação conduzida pela avaliação, sobretudo as classificações atribuídas, é muitas vezes utilizada para etiquetar os alunos, contribuindo mais para acentuar diferenças do que melhorar o ensino.

Segundo Luckesi (1998) citado por Almeida (2008), a avaliação do aproveitamento escolar precisa e deve ser entendida e praticada como uma forma de atribuição de qualidade dos resultados da aprendizagem dos alunos, sendo um acto

dinâmico com o objectivo final de possibilitar uma tomada de decisão que vise direccionar o processo de ensino para o desenvolvimento do aluno.

Em concordância com Méndez (2002), defende-se que as práticas escolares mostram que, hoje em dia nas escolas, examina-se e classifica-se muito e avalia-se muito pouco. Assim, se a avaliação for vista apenas como uma forma de certificação das aprendizagens e de classificação dos alunos transforma-se mais num mero instrumento de distribuição/selecção que, na maioria dos casos, acaba em exclusão, do que num meio para fundamentar decisões de adaptação do ensino às possibilidades dos alunos. O professor deve entender a avaliação como um processo que pretende acompanhar o aluno, ao longo do seu processo de aprendizagem, identificando o que já foi alcançado e pretendendo encontrar as melhores soluções para as dificuldades sentidas, podendo-se reformular o ensino e aumentar a sua qualidade (regulação dos processos de aprendizagem).

Posto isto, a professora estagiária teve sempre em consideração a forma de progressão do aluno e não apenas o que conseguiu ou não alcançar, apesar dos critérios da disciplina promoverem este facto. De encontro a isto, vai a necessidade de se estabelecer objectivos realistas e adequados às necessidades específicas de cada aluno, respeitando também os seus diferentes ritmos de aprendizagem. As aulas, ditas, de Avaliação Sumativa eram, assim, planeadas indo de encontro a todo o planeamento anterior e com uma mesma organização, não se promovendo a avaliação individualizada de cada aluno a uma determinada competência enquanto os restantes observam e a professora estagiária aponta a classificação, sendo estas aulas mais um momento que contribui para recolher dados sobre o desempenho dos alunos, avaliando todo o seu processo evolutivo.

Ainda ligada a esta questão, surge a problemática da Avaliação Inicial ou Diagnóstica. Embora se considere que uma opinião mais pormenorizada já foi apresentada ao longo do documento, não se analisando neste ponto, importa notar que a escolha e utilização destes tipos de avaliação é efectivamente uma questão dilemática. No entanto, também se considera possível, ao contrário do descrito em relação à prática da professora estagiária durante o ano de estágio, que as duas podem coexistir, realizando a Avaliação Inicial como ponto de partida do planeamento e servindo a Avaliação Diagnóstica, na primeira aula da unidade didáctica, como forma de adequar novamente os conteúdos e objectivos inicialmente estabelecidos de acordo com os

conhecimentos adquiridos durante outras unidades didáticas e que poderão ser transferidos para outras matérias, não estando assim o aluno no nível inicialmente observado.

Outra questão deveras interessante e também ela dilemática, prende-se com o programa da disciplina, onde são apresentadas ao professor uma lista de competências a adquirir pelos alunos. Considera-se que a cerne da questão está no assumir, erradamente, que as capacidades e habilidades estabelecidas para um certo ano de ensino foram sempre adquiridas (aluno ideal), em relação às matérias, fazendo parte do papel do professor realizar todo o possível para que se cumpram os objectivos. Isto é, depende do professor a exequibilidade do programa, ao desenvolver e adoptar estratégias que possibilitem a consecução dos objectivos estabelecidos. A não aquisição das competências estabelecidas no ano anterior vai representar uma condicionante a esse trabalho do professor.

No entanto, os alunos não são todos iguais e também os professores dos anos anteriores são diferentes. É necessário ter em conta as características e dificuldades de cada aluno ao se definir os objectivos a atingir e ao se planear as aulas, pois há alunos onde o seu desenvolvimento motor está pouco evoluído e outros com excelentes capacidades e habilidades motoras no mesmo ano de escolaridade e na mesma turma, os seus ritmos de aprendizagem, os conhecimentos adquiridos e os seus desenvolvimentos são diferentes. Logo, os objectivos a atingir têm que obrigatoriamente diferentes. O ensino deveria visar e tentar aplicar o princípio da individualidade.

Assim, entende-se que a finalidade de “promover o desenvolvimento multilateral e harmonioso do aluno através de actividades físicas desportivas” não está a ser plenamente conseguido, uma vez que a Educação Física deveria ter em conta esse fim acima do fim desportivo, ao usar a prática física desportiva como forma de promover o desenvolvimento harmonioso dos alunos.

Por último, pretende-se apresentar a questão referente ao aquecimento lúdico ou aquecimento tradicional e exercícios analíticos ou formas jogadas. Habitualmente nas aulas de Educação Física escolar, pode-se observar muitas vezes um aquecimento onde os alunos correm durante um determinado tempo depois realização mobilização articular e, só depois, aquando da parte fundamental da aula é que lhes é introduzida a bola ou qualquer material. Outra realidade, bem conhecida destas aulas, é o uso

excessivo ou quase exclusivo do normal exercício analítico. Muito se discutiu sobre estes métodos ao longo dos vários anos de formação, no entanto, não há verdades absolutas mas considera-se que a preferência por actividades lúdicas ou formas jogadas é melhor que a “típica corrida de aquecimento” ou exercício critério.

Assim, a professora estagiária é da opinião que, sempre que possível, deve-se realizar um aquecimento lúdico, podendo este ser ou não relacionado com a modalidade, dando clara preferência aos jogos que solicitam capacidades e habilidades solicitadas na modalidade em causa. Este tipo de aquecimento é muito importante como factor motivacional dos alunos, pois pôde-se constatar que estes gostam muito de tudo o que tenha a ver com o jogo, seja ele qual for. Assim, em matérias para as quais os alunos estão pouco motivados ou empenhados, este tipo de aquecimento é tido como uma estratégia de ensino.

Relativamente ao uso dos exercícios critérios, estes consideram-se muito importantes no ensino de habilidades técnicas, no entanto o professor tem tendência a exagerar no seu uso, havendo aulas em que apenas se trabalha desta forma. No entanto, considera-se que nem sempre se consegue exercitar a técnica, por exemplo, de uma forma eficaz sem ser em situação de exercício critério pois para se alcançar melhorias motoras significativas é necessário isolar o gesto e trabalhá-lo. Mas o professor de Educação Física pode organizar esses exercícios de uma forma mais dinâmica e motivante, despendendo sempre um bom tempo de aula para as situações de jogo, quer seja em superioridade numérica ou jogo reduzido, de forma a motivar os seus alunos para a aula e de terem a oportunidade de pôr em prática numa situação mais real o que se exercita nos exercícios. A melhor forma de aprender-se a jogar é jogando!

3.10. Conclusões referentes à formação inicial

A formação inicial da estagiária, Licenciatura, era na área das Ciências do Desporto, pelo que esta nunca iria imaginar um dia vir a ser professora. No entanto, após a entrada em vigor do Processo de Bolonha e tendo em conta as opções que a Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física oferecia, a estagiária viu-se obrigada a ingressar neste Curso de Mestrado. Apesar de não ser a sua área de eleição, a estagiária viu nesta oportunidade mais uma saída profissional. No entanto, formaram-se muitas expectativas sobre os conhecimentos a adquirir e a qualidade da formação.

Uma vez que não tinha formação prévia na área, esperava-se que estes dois anos fossem o suficiente para dotar a estagiária das competências mínimas profissionais. No seu caso específico, considerou que no primeiro ano as unidades curriculares foram poucas e com poucas horas, sendo as aulas práticas relativamente poucas, não surtindo um efeito tão significativo como o desejado. No entanto, a nível teórico, a estagiária adquiriu muitas competências tendo o interesse de alguns professores contribuído directamente nessa direcção. Na realidade, a base da sua formação também condicionou uma melhor prestação em certas unidades curriculares pois não tinha qualquer experiência com a qual relacionar os conhecimentos transmitidos, como é o caso de Administração Escolar.

Assim, a estagiária considerou que, apenas o conhecimento teórico adquirido no ano transacto, não chegava só por si para desempenhar a função de professora, pelo que esperou que com o Estágio Pedagógico conseguisse preencher a lacuna na sua formação na área específica da Educação Física.

A estagiária agarrou a oportunidade com “unhas e dentes”, tendo perfeita noção da importância do estágio para a sua formação e futura carreira. No entanto, tinha claro que não poderia ver esta formação inicial como a única e final forma de formação da sua carreira docente, necessitando de posteriormente, como qualquer outro professor, de recorrer à formação contínua para obter novas formas de conhecimento e aprendizagem, complementando o conhecimento adquirido na faculdade.

O Estágio Pedagógico é considerado, pela estagiária, o ponto alto da aquisição do conhecimento durante o curso, onde teve oportunidade de experimentar e consolidar na prática todo o seu conhecimento teórico e de adquirir muito mais, sendo a Escola Secundária da Lousã um ambiente propício à aprendizagem desta profissão. Assim, a qualidade do estágio é considerada muito boa, sendo também os professores orientadores óptimos “meios” de obter conhecimento, não se limitando a expor o que sabem mas a obrigar os professores estagiários a reflectir sobre as respostas e decisões a tomar para realizar a aprendizagem.

Pode-se concluir que, as lacunas da formação inicial antes do estágio foram completadas e os conhecimentos reajustados e adquiridos, sendo todo o conjunto uma boa base de partida para o futuro, tanto ao nível da prática docente como do treino desportivo pois os conhecimentos adquiridos podem ser transferidos para o treino.

3.11. Necessidades de formação contínua

Todo o indivíduo deve ter a possibilidade de aprender a vida inteira. A ideia da educação permanente é a pedra angular da cidade educativa.

(Faure *et al*, 1974: pp. 271)

Muitos professores, actualmente, não sabem o que é ou como aplicar processos como a Diferenciação Pedagógica, ensino individualizado, aprendizagem activa, avaliação formativa e tantos outros processos pedagógicos. E porquê?

Tornasse, assim, necessário que cada professor compreenda a importância da formação contínua como um factor de desenvolvimento profissional e desenvolva a percepção das suas necessidades de formação, encontrando na formação contínua estratégias e novas práticas que poderão induzir a melhores práticas pedagógicas e, conseqüentemente, pensamento e acção dos professores (Januário *et al*, 2009).

Considera-se essencial que qualquer bom professor seja modesto, o suficiente, para admitir que necessita de formação contínua para o seu desenvolvimento profissional e, conseqüentemente, o sucesso do desempenhar das suas funções pois o que era tomado como certo há uns anos pode não o ser nos dias de hoje.

Entende-se por desenvolvimento do professor, o processo, segundo, o qual esse “revê, renova e desenvolve os propósitos do ensino, conhecimentos e competências essenciais ao pensamento profissional à planificação e à prática (Hargreaves, 1998; Day, 2001; Marcelo, 2009) objectivando a melhoria da capacidade de controlo sobre o ambiente de ensino” (Januário *et al*, 2009). O ensino está em constante transformação, estando sempre a surgir novos métodos, abordagens e processos. Assim, a formação contínua deve ser considerada por todos os professores, em forma de analogia, como uma “actualização” importante do *software* da sua profissão.

A formação contínua é considerada pela professora estagiária um complemento essencial à sua formação inicial, pois o seu desenvolvimento profissional é um processo evolutivo e contínuo, que não acaba na sua formação inicial (Januário *et al*, 2009). Assim, é seu objectivo que, ao longo desta carreira que agora se inicia, procure sempre novas formas de *saber* e de estar actualizada, ao aprofundar os seus conhecimentos,

tanto na vertente teórica como na prática, na área das competências profissionais da prática docente e específicas da Educação Física. Assim, pretende adquirir novas competências e aperfeiçoar as competências profissionais e pedagógicas já adquiridas durante o ano de estágio.

Para isso, pretende, não só continuar a desenvolver as formas de pesquisa bibliográfica, que lhe foram muito úteis neste ano de estágio, mas também, outras formas como a investigação e/ou acções de formação.

Ao entender o professor como alguém reflexivo, racional, competente e capaz de tomar decisões, a professora estagiária aponta a própria reflexão como outra forma de formação. Ao reflectir sobre o seu trabalho, analisar o que correu mal/bem, o porquê das acções tomadas, etc., a professora estagiária está a evoluir pois, como pôde verificar-se neste ano de estágio, a reflexão permite a adaptação dos processos ou acções de forma a melhorar o processo de ensino - aprendizagem. Também a partilha de conhecimento entre professores é vista como um bom meio, podendo sempre aprender-se com as experiências de outros.

De um modo geral, a professora estagiária pretende obter mais formação e conhecimento, de forma a também inovar as práticas pedagógicas, na área da Pedagogia e Didáctica por considerar que novas aprendizagens poderão levar à melhoria da qualidade do ensino. Considera ainda que, a nível da Gestão Escolar, necessitará de complementar em muito a sua formação inicial pois apenas teve a oportunidade de acompanhar de perto o cargo de Director de Turma, havendo muitos mais numa escola e todos igualmente importantes, bem como alguns processos burocráticos com os quais não teve que lidar.

3.12. Experiência pessoal e profissional do ano de estágio

O ano de estágio foi fundamental e repleto de experiências tanto a nível pessoal como profissional, realizando-se a passagem do patamar do “ser aluno” para o seguinte, o de “ser professor”. No entanto, o estágio não se fez apenas de experiências originadas pela professora estagiária, sendo os professores orientadores muito importantes.

Assim, a supervisão da prática pedagógica fez todo o sentido pois era impossível realizar aprendizagens ao nível realizado se a professora estagiária estivesse sozinha. A

supervisão da prática pedagógica teve um papel muito importante, orientando a acção pedagógica, ajudando a superar as dificuldades sentidas, a solucionar problemas e a desenvolver todas as competências essenciais à prática profissional.

A nível pessoal, a professora estagiária considera que se sentiu bastante apoiada apesar dos seus receios iniciais e durante todo o processo de formação, encontrando no professor orientador João Moreira, alguém sempre disponível e atento às suas necessidades. A um nível geral, todos os professores do grupo de Educação Física e os colegas estagiários também foram amigos e profissionais impecáveis, sempre disponíveis para ajudar em qualquer situação, promovendo uma boa adaptação a esta nova realidade. Bem como as funcionárias do pavilhão que tudo faziam pelos professores estagiários.

A professora estagiária tornou-se numa pessoa mais acessível, comparativamente ao início do ano, desenvolvendo capacidade de empatia e aceitação para com os alunos, que resultaram numa relação final muito boa e estável.

A experiência e sabedoria do professor orientador permitiu, à professora estagiária, descobrir por si as melhores formas de ensino, orientando-a cuidadosamente em todas as suas decisões e não impondo qualquer ideia pois também é importante aprender com os erros cometidos. Assim, considera-se que houve desenvolvimento e aperfeiçoamento das capacidades para a prática pedagógica e descoberta de um estilo pessoal de ensino.

A Directora de Turma que a professora estagiária assessorou, Professora Anabela Correia, também se mostrou uma pessoa carinhosa e profissional muito competente e acessível, disponível e comprometida com a sua aprendizagem, sendo um outro elo importantíssimo desta cadeia da formação com supervisão pedagógica. Com ela, a professora estagiária aprendeu o verdadeiro sentido da sua função e as competências necessárias à mesma.

Não menos importante foi o contributo do professor orientador da faculdade, Alain Massart, que para além de se mostrar sempre disponível, pretendia principalmente desenvolver nos estagiários a capacidade reflexiva e explorações de novos caminhos e direcções no ensino, rompendo assim com as práticas tradicionais.

O Estágio Pedagógico constituiu uma verdadeira prova às capacidades dos professores estagiários ao serem confrontados diariamente com diversas situações

exigentes, e também, uma experiência única pois nunca mais terão a oportunidade de aprender directamente com alguém cujo conhecimento e acompanhamento estejam interligados às suas formações.

Concluiu-se que o Estágio Pedagógico mostrou-se uma excelente oportunidade de aprendizagem ao favorecer a aquisição e desenvolvimento de novos conhecimentos e práticas profissionais, pessoais e sociais. A professora estagiária considera que, ao longo deste processo, cresceu muito como pessoa e como profissional, tendo-se tornado uma profissional competente e capaz de agir em qualquer situação.

4. BIBLIOGRAFIA

Almeida, M. (2008). Acesso e Permanência com Sucesso: A Avaliação Escolar do Aluno. Consultado em Junho de 2010 em *Monografias.com*: <http://br.monografias.com/trabalhos906/acesso-e-permanencia/acesso-e-permanencia.shtml>

Arends, R. I. (1995). *Aprender a ensinar*. McGraw-Hill

Bento, J. O. (1998). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte.

Boggino, N. (2009). A avaliação como estratégia de ensino. Avaliar processos e resultados. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 9, pp. 79-86. Consultado em Junho de 2010 em <http://sisifo.fpce.ul.pt>

Bossle, F. (2002). Planeamento de ensino na Educação Física – Uma contribuição ao colectivo docente. *Movimento*, 8 (1), pp. 31-39.

Caetano, A. P. & Silva, M. (2009). Ética profissional e Formação de Professores. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 8, pp. 49-60. Consultado em Junho de 2010 em <http://sisifo.fpce.ul.pt>

Carvalho, L. (1994). Avaliação das Aprendizagens em Educação Física. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 11, pp. 135-151. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Educação Física.

Fernandes, E. (1997). O trabalho cooperativo no contexto de sala de aula. *Análise Psicológica*, 4 (XV), pp. 563-572.

Graça, A. (2006). A instrução como processo. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 20 (5), pp. 169-170.

Grave-Resende, L. & Soares, J. (2002). *Diferenciação Pedagógica*. Universidade Aberta. (pp. 22-29).

Januário *et al.* (2009). Desenvolvimento profissional: a percepção da importância da formação contínua e das necessidades de formação em professores de Educação Física. *Revista Digital Efedeportes.com*, Ano 14, 135. Consultado em Junho de 2010 em

<http://www.efdeportes.com/efd135/formacao-continua-em-professores-de-educacao-fisica.htm>

Maccario, B. (1982). Qu'est-ce-qu'évaluer?. *Théorie et Pratique de l'évaluation dans la pédagogie des activités physiques et sportives*. Paris: Vigot. (pp. 23-28).

Méndez, A. & Manuel, J. (2002). *Avaliar para conhecer, examinar para excluir*. Porto: Asa Editores;

Pereira, P. (2000). A planificação dos professores em Educação Física: alguns contributos para o seu estudo. *Horizonte*, 17 (92), pp. 14-18.

Pinto, J. (2004). *A avaliação em Educação*. Escola Superior de Educação de Setúbal (documento policopiado).

Ponte, J. P. (1998). Da formação ao desenvolvimento profissional. In *Actas do ProfMat 98*. Lisboa: APM. (pp. 27-44)

Ribeiro, L. (1999). Tipos de Avaliação. *Avaliação da Aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora. (pp. 75-92).

Rosado, A. (1998). Desenvolvimento Sócio – Afectivo em Educação Física: Percepção da importância da Educação Física e estratégias de intervenção no domínio sócio – afectivo por parte de professores experientes. Consultado em Junho de 2010 em http://www.ipv.pt/millennium/etc10_rosd.thm

Siedentop, D. (2008). *Aprender a Enseñar la Educación Física*. Barcelona: Inde.

Silva, E., Fachada, M., & Nobre, P. (2009). *Guia das Unidades Curriculares dos 3º e 4º semestres 2009-2010*. Coimbra: FCDEF-UC.